



Raphael Ribeiro da Silva

Costurando Vozes-Mulheres:

**Leitura de escritas negro-femininas – Joremir de
Assis Ferreira em roda com Conceição Evaristo e
Carolina Maria de Jesus**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Literatura, Cultura e
Contemporaneidade do Departamento de Letras da
PUC- Rio.

Orientadora: Profa. Eneida Leal Cunha

Coorientadora: Profa. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves

Rio de Janeiro

Abril de 2020



Raphael Ribeiro da Silva

Costurando Vozes-Mulheres:

Leitura de escritas negro-femininas – Joremir de Assis Ferreira em roda com Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC- Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Eneida Leal Cunha

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves

Coorientadora

UNEB

Profa. Adriana Pinto Fernandes de Azevedo

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Geny Ferreira Guimarães

UFRRJ

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2020.

Todos direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Raphael Ribeiro da Silva

Bacharel em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Letras (área de concentração: Literatura, Cultura e Contemporaneidade) pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e contemporaneidade da PUC-Rio, com a presente dissertação. Mantém um blog de crítica cultural na plataforma internacional *Medium*.

Ficha Catalográfica

Silva, Raphael Ribeiro da

Costurando vozes-mulheres : leitura de escritas negro-femininas – Joremir de Assis Ferreira em roda com Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus / Raphael Ribeiro da Silva ; orientadora: Eneida Leal Cunha ; coorientadora: Luciana Sacramento Moreno Gonçalves. – 2020.

125 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2020.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Escrita literária. 3. Literatura de mulheres negras. 4. Vida e escrita. I. Cunha, Eneida Leal. II. Gonçalves, Luciana Sacramento Moreno. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 800

Para Joremir, minha avó-mãe, pela matéria-prima que move a roda da minha vida e dessa pesquisa e para Eneida, minha orientadora, por me apresentar perspectivas e por me ajudar a tornar meus sonhos intelectuais em realidade, de modo sempre belo.

Agradecimentos

O curso de Mestrado em Letras foi um grande acerto de contas comigo mesmo. Eu deixei o curso de Letras na UFRJ já no sexto período, insatisfeito com as atividades das disciplinas de Sintaxe e Morfologia, mas sempre apaixonado pelas aulas de Teoria da Literatura e Fundamentos da Cultura Brasileira. Me joguei no curso de Estudos de Mídia, onde aprendi tudo que sei sobre Comunicação, Estudos Culturais e Recepção. E voltar para esta área de Letras, no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade é um grande presente.

Esse período de tempo que estive dentro das salas de aula estudando, nos eventos, nos corredores acompanhados com estas pessoas foi um período de aprendizado muito grande. Independente do material que defendo nesta dissertação, o material que tenho guardado comigo, dentro de mim, é sem sombras de dúvidas, o meu maior tesouro. Tive a honra de estudar com nomes que mudaram minhas percepções acerca de vários campos do conhecimento, tive aula ou mesmo tive por perto pessoas que eu admiro muito.

Renato Cordeiro Gomes foi um grande mestre e incentivador dos meus estudos, sempre me oferecendo ideias e incentivando minhas ousadias. É um mestre que eu tenho até hoje em meu caminho. Onde quer que esteja, essa dissertação é para você, que me deu muitas ideias que eu estou fazendo acontecer, do meu jeito, é claro.

Marília Rothier Cardoso, uma leitora atenta e uma incentivadora de meus percursos criativos, é para “leitoras-Marílias” que eu escrevo, é para você também.

Gosto de gente que escreve como Ana Kiffer escreve, e sempre que pude estar por perto dela e de seus escritos artaudianos, lá estava. Ana, você é incrível e saiba que é para você também que escrevo, quando eu

crescer quero ser assim, estonteante e firme. Uma mulher poderosa em letras e gestos. Espero te reencontrar mais vezes!

Eneida Leal Cunha, outra grande mulher que me cercou e mais do que isso, esteve por dentro deste trabalho desde antes desse nascer. Foi Eneida quem me deu gatilhos importantíssimos para que esta pesquisa acontecesse, foi ela quem percebeu o que eu sentia e fez desse sentimento o capital para que essas coisas do pensar virassem essa dissertação.

Foi através de Eneida, coordenadora do projeto fomentado pela CAPES, o PROCAD: Escritas Contemporâneas: desafios teórico-críticos que pude fazer, como “Missão de Estudo, uma viagem de pesquisa a Salvador que transformou meu horizonte de energias, contatos e de perspectivas. Através de todo amparo, gentileza, cuidado, e mais do que isso, da firmeza de Eneida, que cá estou. Eneida, mestra querida: eu tenho muita gratidão por você, respeito pela sua trajetória e teu vigor na pesquisa e profunda admiração pela pessoa que é para cada orientando seu. Com você, através de suas chamadas, eu aprendi o que é fazer pesquisa, é preciso amadurecer, sobretudo os ouvidos. E eu tenho o privilégio de poder te ouvir, sempre. Obrigado!

Agradeço aos amigos do curso de Mestrado, sobretudo: Renata Borges, que é minha melhor amiga, minha cúmplice, minha irmã, minha grande parceira que eu admiro muito. Um abraço apertado, de muito obrigado, a ti e a Tais, sempre estaremos juntas e shallow now!

Telma Alvarenga, pela sua generosidade, pelo seu cuidado, pela sua atenção, pelo seu zelo para comigo. Eu te amo profundamente e meu amor e gratidão por ti e por Oscar vão a pé do Rio a Salvador. Axé! Luz! Brilhe! Você é gigante!

Enrique Diaz, meu ator preferido, obrigado pela força de sempre. Gratidão em ter você por perto!

Agradeço as minhas parceiras “eneidiadas”: Bárbara e Marcella, que juntas somaram muito ao meu trabalho e fizeram que eu nunca estivesse só!

Eu agradeço a toda minha turma pela força de sempre, pelo respeito e cuidado para com o espaço de saber do outro! Obrigado por estar entre vocês, aprendendo juntos!

Agradeço também aos professores todos do Programa de Pós-Graduação por juntos criarmos essa ecologia de saberes massa! Agradeço também a todos os funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação pelo amparo, pela paciência e pela ajuda de sempre!

Agradeço aos meus amigos pessoais de sempre, que nunca, em nenhum momento me deixaram sozinho, sempre fazendo por mim e comigo, numa união que eu tenho orgulho de ter por perto, por dentro de dentro: Priscila Maria Costa, minha grande amiga, Dayane Vieira, pelos salves e pelas noites dormidas juntinhas! Lidiane Monteiro, pelo seu axé de sempre e pelas suas dicas sempre místicas. Douglas Mareli e Max Schiavon, os machos dos rolês, obrigado pela força de sempre! Que sorte a minha em ter vocês por perto!

Agradeço a minha família toda, que é o grande material afetivo desta dissertação, que esteve sempre do meu lado. Minha avó Joremir, sempre é por você e para você que sigo trilhando, eu nunca sairei de seu colo. Minha mãe Maria de Lourdes, que mesmo sem entender direito “essa pesquisa toda que Raphael vive fazendo, depois tem que fazer doutorado?” é para você! Minha mãe de criação Eliana, muito obrigado pelo amparo e pelo respeito de sempre!

Minha irmã Nathalia, que me ensina de feminismo sempre e é a maior crítica cultural que eu conheço, com repertório gigante e meu cunhado Leonardo, que é um grande pescador! Agradeço pelos salves e pelas noites que me abrigaram no sofá, foi massa! E eu tenho orgulho de

estar com vocês, entre vocês e ser tio de Leandro, Sophia e Clara. Agradeço por tudo, e saiba que é para vocês sempre.

Agradeço a Uã Flor do Nascimento, pelo carinho e amor de sempre!
Te amo!

Por fim, agradeço ao CNPq e à Capes pelo apoio financeiro que possibilitou a pesquisa e a feitura desta dissertação, com a bolsa de isenção de taxas escolares e a bolsa de fomento.

Resumo

SILVA, Raphael Ribeiro da; CUNHA, Eneida Leal. GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. **Conjugando Vozes-Mulheres: Leitura de escritas negro-femininas - Joremir de Assis Ferreira em roda com Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus.** Rio de Janeiro, 2020. 125 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação focaliza a escrita de mulheres negras, tendo como ponto central os manuscritos biográficos de Joremir de Assis Ferreira, minha avó-mãe de criação, lido em diálogo com escritas de outras duas autoras negras da literatura brasileira, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, que por sua vez, amplificam questões das vivências negro-femininas. O procedimento de leitura é de matriz afetiva e parte de figurações de espaços do corpo feminino em gestação, o procedimento metodológico que organiza a análise parte da ideia de leitura em roda (Miranda, 2019). O objetivo desta dissertação é demonstrar a relação político-afirmativa partilhada tanto pela escrita literária de autoras negras brasileiras já reconhecidas quanto escritas não difundidas, que se dão no cotidiano e na intimidade de mulheres negras.

Palavras-chave

escrita literária; literatura de mulheres negras; vida e escrita.

Resumen

SILVA, Raphael Ribeiro da; CUNHA, Eneida Leal; GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. **Voces de Coser-Mujeres: Lectura de escritos de mujeres negras - Joremir de Assis Ferreira en un círculo com Conceição Evaristo y Carolina Maria de Jesus.** Rio de Janeiro, 2020. 125 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La disertación se centra en la escritura de mujeres negras, teniendo como punto central los manuscritos biográficos de Joremir de Assis Ferreira, mi abuela creativa, leídos en diálogo con los escritos de otros dos autores negros de literatura brasileña, Conceição Evaristo y Carolina Maria de Jesus, que a su vez amplifican los problemas de vivencias negra-femeninas. El procedimiento de lectura es una matriz afectiva y parte de las figuraciones de espacios del cuerpo femenino en gestación, el procedimiento metodológico que organiza el análisis parte de la idea de leer en círculo (Miranda, 2019). El objetivo de esta disertación es demostrar la relación político-afirmativa compartida tanto por la escritura literaria de autores negros brasileños ya reconocidos como por la escritura no generalizada, que tiene lugar en la vida cotidiana y la intimidad de las mujeres negras.

Palabras-clave

escritura literaria; literatura de mujeres negras; La vida y la escritura.

Sumário

Fios introdutórios das muitas histórias cruzadas	15
1. Ventre	19
1.1 Inventando uma roda	23
1.2 Encenações teórico-crítica	28
1.3 Modos de contornar a literatura negro-feminina: uma equação racial brasileira	30
1.4 A maternidade literária como ferramenta de compreensão da literatura negro-feminina	43
1.5 Fechando essa roda para abrir outra	47
2. Contra-ações	48
2.1 Mais uma roda se arma	51
2.2 Circulando as contra-ações a partir de quatro conceitos	53
2.3 Da formação de aquilombamentos literários: maneiras de re-unir para enfrentar	69
3. Partos: visitando espaços de múltiplos nascimentos	72
3.1 Uma roda se abre para pensar modos de nascer	75
3.2 Quilombos editoriais e políticas literárias de empoderamento	78
3.3 Aquilombamento literário	88
3.4 Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras	89
3.5 Lendo Mulheres Negras	93
4. Fechando a roda	96
Referências Bibliográficas	99
Anexos:	
Manuscritos de Joremir de Assis Ferreira	106



“A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.”

Conceição Evaristo, “Vozes-Mulheres”.

Fios introdutórios das muitas histórias cruzadas

Era uma vez, um menino branco sentado diante da avó preta que não parava de lhe contar histórias, com a televisão ligada na novela, que contava uma outra história, e lá estava o menino cercado de histórias. O tempo foi passando e o menino, então, começou a contar suas histórias, as várias versões de si, as muitas histórias que sabia inventar. Muitas dessas histórias ele criava a partir de seu inventário de imaginários que surgiram do tempo em que, ainda menino, ele ouvia sua avó preta lhe contar.

O que se poderá ler nesta dissertação é fruto de uma pesquisa de Mestrado, mas é, antes, uma busca de histórias sobre si, acerca das muitas versões de uma história pessoal e familiar, que ainda está por ser descoberta. Cresci em uma casa cercado por mulheres que me contavam suas histórias de vida e, de certa forma, em todas eu figurava como personagem. A vontade de entender as versões dessas histórias ganhou fôlego especial com a chegada dos manuscritos de minha avó de criação, Joremir de Assis Ferreira.

Joremir foi a principal responsável por minha criação desde que, ainda criança, minha mãe precisou de ajuda para que pudesse parir meu irmão mais novo. Ainda tenho lampejos de lembranças que me levam até o bairro do Cesarão, em Santa Cruz, onde há uma geografia afetiva de espaços, pessoas, corpos e experiências que constituem MINHA HISTÓRIA. Talvez afirmar e vasculhar com tanta certeza que existe essa história em letras garrafais e no singular seja uma maneira apressada e ansiosa de tentar abraçar esse turbilhão de histórias cruzadas que me constituem como pessoa e pesquisador e que agora também constitui e configura essa dissertação de Mestrado.

Vale ressaltar, que eu cresci em uma família que sempre gostava de se reunir aos domingos, e nesses encontros, além das brigas, existiam muitas histórias: do passado, do presente, costurado pelo vai-e-vem das fofocas e suas muitas versões e até a mística interpretação de sonhos alheios. Entretanto, estar naquela família onde minha mãe de sangue não era minha mãe e minha avó, portanto, não era minha avó mesmo, (mas

uma avó-mãe por escolha afetiva) em um dado momento me perturbou e fez uma confusão nessa minha história complexa e complicada, de muitos laços sanguíneos e afetivos.

A confusão que eu carreguei durante anos em minha vida, tentando assimilar, construir pontes que conectassem as muitas versões das histórias que eu ouvia de minhas três mães, é o impulso fundamental que me trouxe a essa investigação. Atento aos caminhos que me levassem a uma explicação de como eu fui parar no colo de Joremir e no centro de sua vida, minha curiosidade angustiada ganha uma motivação especial, quando eu me defronto com os manuscritos que minha avó-mãe produz.

Joremir de Assis Ferreira foi mãe da minha mãe Maria de Lourdes quando esta chegou da Paraíba e eu me torno filho desta avó, quando minha mãe vai ter seu filho mais novo. A terceira mãe é minha madrinha, Eliana dos Santos Gonçalves, que é filha de Joremir. Todos os caminhos me levariam a Joremir, disso eu não posso duvidar. Ouvir essa mulher avó-mãe é o caminho que me ajudaria e entender tanta história cruzada. E aqui chegamos a uma pesquisa de Mestrado em que essa figura matriarcal é o elemento central de produção de conhecimento.

Nesse sentido, a pesquisa empenhada que faço parte dos escritos biográficos de Joremir de Assis Ferreira, para compor uma reflexão acerca da escrita de mulheres negras. Os manuscritos, portanto, são elementos centrais, sendo lidos em diálogo com escritas de outras duas autoras negras da literatura brasileira, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus.

A necessidade destes manuscritos foi de ordem afetiva e política. Primeiro pelo fato de que imerso em um conjunto de histórias sobre minha vida, percebia que haviam histórias cruzadas e pontos de desencontros entre elas. Os manuscritos de minha avó-mãe viriam para apontar uma disputa de poder no interior das múltiplas maternagens que tenho - minha mãe biológica Maria de Lourdes e a minha mãe de criação, minha madrinha, Eliana, filha de Joremir - que estavam o tempo inteiro disputando a centralidade na maternagem. Recebi um conjunto de escritos e logo me surpreendi: antes de falar de mim, minha avó-mãe falava dela como filha, como mulher negra, como esposa, como mãe.

Na expectativa de mais manuscritos, busquei cada vez mais dialogar com minha avó e ela, que sempre me incentivara a ser o “escritor da família”, agora mostra-se disposta a reunir as muitas vozes-lembranças de sua mente, para colocar no papel tudo aquilo que julgara importante e necessário de ser dito. E assim, chegou até mim um segundo volume de escritos. Que muito me choca, tendo em vista as denúncias que vejo e os ecos que encontro. Ecos de coisas que eu já havia lido em algum momento de minha trajetória de leitor. E assim eu esperava mais escritos.

A escolha por duas escritoras já publicadas e amplamente reconhecidas leva em conta o interesse em demonstrar a relação político-afirmativa partilhada tanto pela escrita literária de autoras negras brasileiras já reconhecidas quanto escritas não difundidas, que se dão no cotidiano e na intimidade de mulheres negras. Afinal, ao longo da minha trajetória como pesquisador, busquei evidenciar em meus estudos, algumas questões da identidade negro-feminina, sempre com um olhar contrastivo e comparativo do local de meu convívio com o global.

Nesse sentido, as obras que escolhi para um diálogo em roda com os manuscritos de minha avó-mãe são: *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, além de obras de Carolina Maria de Jesus, sendo elas: *Quarto de despejo* (1976) e *Diário de Bitita* (1986). O procedimento de leitura que escolho fazer, é, portanto, de matriz afetiva e parte de figurações de espaços do corpo feminino em gestação e o procedimento metodológico que organiza, de modo geral, a análise, parte da ideia de “leitura em roda” da pesquisadora Fernanda Miranda (2019).

Noprimeiro capítulo, intitulado “**Ventre**”, percorro um conjunto de ideias que proponho como um modo meu de compreensão do espaço de criação literária, artística e política de escritoras negras contemporâneas brasileiras. Esse espaço em questão foi pensado a partir de uma figuração do corpo feminino, onde busquei ancorar meu raciocínio, a partir das noções de *maternidade literária* e *ventre gerador*.

No segundo capítulo, “**Contra-ações**”, desenvolvo a leitura das escritas de mulheres negras a partir da noção de *contra-ações*. Nesse sentido, me apoio mais uma vez em uma figuração a partir do corpo feminino em gestação: o movimento da contração, em que os músculos da barriga se movimentam involuntariamente, causando dor e desconforto, mas é isso que “empurra” o bebê para fora do corpo da

mãe. A ideia de contra-ações é um modo de compreender a escrita literária de mulheres negras, para o qual estabeleci a seguinte figuração: o corpo feminino negro prenhe de sua inventividade e riqueza epistêmica entra em uma disputa corporal com um conjunto de movimentos que querem a expulsão de sua prenhez, remontando à contração na experiência do dito “alarme falso”.

No terceiro capítulo, **“Partos: visitando espaços de múltiplos nascimentos”**, busco recuperar a ideia de *aquilombamento literário*, esboçada ao fim do capítulo anterior, pensando as possibilidades de circulação das escritas literárias de mulheres negras. Também é o foco deste capítulo pensar as *políticas literárias de empoderamento*, que são tidas como as múltiplas formas de fazer acontecer o empoderamento identitário de mulheres negras a partir da literatura. Estas políticas, por sua vez, são estratégias políticas contra um conjunto de opressões como racismo, sexismo, desigualdade social, e por isso também as vejo como uma forma de contra-ação.

Em **“Fechando a roda”**, encerro de forma poética minhas reflexões, na tentativa de dar conta, primeiramente, de fechar este longo processo de escrita e produção de conhecimento, mas também de conviver com vozes negro-femininas que são fundamentais para a reflexão na qual me lanço e também para a literatura brasileira.

Por fim, vale avisar, que os manuscritos de Joremir de Assis Ferreira serão apresentados em blocos, por entre os capítulos.

Entrem na roda, pois é chegada a hora!!!

1. Ventre

*“Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo
 Antes- agora- o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 Abrigo da semente
 Moto-contínuo
 do mundo.”*

Conceição Evaristo, “Eu-Mulher”.

Esse capítulo busca percorrer um conjunto de ideias que proponho como um modo meu de compreensão do espaço de criação literária, artística e política de escritoras negras contemporâneas brasileiras. Esse espaço em questão foi pensado a partir de uma figuração do corpo feminino, onde busquei ancorar meu raciocínio, tendo em vista que costumo pensar a partir de uma feminilidade epistêmica, que seria um modo meu de produzir conhecimento, apoiado em uma performatividade do meu corpo-saber afeminado.

Quanto às ideias que proponho, estão noções como *maternidade literária* e *ventre gerador*, que elaboro apoiado em diversos espaços teóricos que acessei ao longo de minha formação acadêmica, mais especificamente durante os dois anos do curso de Mestrado. A *maternidade literária* seria, de modo geral, uma maneira de observar a literatura a partir da perspectiva da maternagem feminina e suas nuances e

pluralidade, sua matriz feminina, buscando, porém, escapar de romantizações e lugares comuns.

Tendo como elemento norteador da *maternidade literária*, no deslocamento da literatura para um lócus feminino fundamental, está a ideia de *ventre gerador*, onde o interesse reside na recuperação do espaço biologicamente determinado como feminino, que é o útero. O que busco é reencená-lo estabelecendo potências em suas nuances, empenhando em apontar novas possibilidades interpretativas a partir desse espaço. Recorro a uma ideia apresentada pela professora e poeta Livia Natália, para realizar essa construção teórica.

A autora argumentou acerca do espaço uterino em sua fala no evento Literatura Negra Uterina, posteriormente registrada em vídeo¹, onde nos diz:

“Pra fazer as coisas mais difíceis têm que ter útero: ele sendo material utilizado ou não, ele sendo um útero que vai parir ou um útero que não existe. Mas eu digo útero como essência do feminino, como uma força que é nossa, porque só a gente gera vida. Toda a vez que eu falo sobre estas questões relativas à mulher, ao feminino, na verdade eu estou o tempo inteiro falando de minha mãe.” (NATÁLIA, 2015, online)

É a partir da fala de Livia Natália que começo a pensar o espaço de criação de três autoras negras contemporâneas que aparecem em costura nesta dissertação. A mulher negra, carioca de 69 anos, Joremir de Assis Ferreira, que me fez ter acesso a um conjunto de manuscritos pessoais, onde conta sua vida e trajetória, em uma construção narrativa para mim que sou seu filho-neto, é colocada em uma roda de leitura com as mineiras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Sendo assim, parto do espaço de pesquisador de literatura brasileira e também do lugar afetivo e curioso de um neto que observa na escrita de sua avó-mãe uma série de conexões,

¹ Livia Natália, Literatura Negra Uterina, vídeo de 28 de maio de 2015. Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=_Ksj1UYfzCE

semelhanças e dissonâncias em um conjunto de vozes-mulheres integrado também por duas escritoras negras brasileiras já consagradas.

O *ventre gerador* seria o espaço por onde as três escritoras negras gestam suas dicções literárias, agenciando as limitações que lhes foram impostas historicamente, com o capital criativo de suas histórias e vivências. O interesse desse agenciamento se constrói diante da necessidade política de luta por afirmação, tanto na literatura como na vida cotidiana.

Na fala da professora Lívia Natália, é possível pensar o útero como um espaço onde está sendo preparado algo e, portanto, há um agenciamento de forças. Aqui nesta dissertação, faço um deslocamento do plano biológico para uma elaboração subjetiva desse espaço, pensando a partir dos agenciamentos que Joremir de Assis Ferreira faz diante de sua cena pessoal, ao priorizar determinados episódios para torná-los públicos. As autoras negras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus também fazem um agenciamento de forças diante da cena literária, assim estarão circulando em torno da minha leitura dos manuscritos de Joremir.

Ainda gostaria de explicar mais um detalhe acerca do *ventre gerador*, pois pressupondo que seja ele um espaço de gestação, entendo que exista um estado que o configura, que é a *prenhice*. Comecei a esboçar esse raciocínio também a partir da leitura da poesia de Lívia Natália. Entendo a *prenhice* para além da sua noção de estar prenhe, grávida; mas também no sentido de estar carregando algo dentro de si, da experiência de estar repleta, como se pode observar na poesia de Lívia Natália:

Nas peles negras em que me banho
flutua sua existência de maré:
prenhe de naufrágios.
(LÍVIA NATÁLIA, poema Freudiana, 2015, p.31)

Seus passos de Água, se caminham,
não vejo. Diluem-se enquanto andas
dentro desta pele de peixe
e levas, e nem sei se sabes,
a barriga prenhe de naufrágios.
(LÍVIA NATÁLIA, poema Canção, 2017, p.25)

A noção de *prenhice* fica evidente a partir do estabelecimento de sua relação com o elemento água, sempre presente em suas narrativas poéticas, tendo em vista sua afiliação ao orixá Oxum, deusa das águas doces e rios, na epistemologia do candomblé. A poeta elabora uma constante em sua poesia, estabelecendo um desenho de seu útero sempre cheio.

Algumas perguntas me conduzem para o questionamento principal deste capítulo, sendo elas: o que essas mulheres negras carregam em seus ventres? a geração dos temas se dá por quais construções históricas/sociais/políticas? Para tentar responder esse conjunto de questões que os textos me provocam, sigo a partir da metodologia da “leitura em roda” proposta pela pesquisadora Fernanda Miranda, em sua tese de doutorado² e em texto recentemente publicado em periódicos literários³. Não imito a performance metodológica da autora, mas me aproximo do seu gesto para encontrar um modo de reunir semelhanças e observar contrastes entre três mulheres negras que escrevem.

Tendo em vista o meu desejo de aproximar Joremir de Assis Ferreira de outras duas escritoras negras brasileiras, recorro ao desenho da roda, proposto por Fernanda Miranda. Para além da imagem da roda, me recordo das salas de espera das consultas de pré-natal quando acompanhava minha irmã Nathália. Na sala o assunto era a *prenhice*. Enceno esse espaço para pensar o assunto da minha roda, coloco minha avó numa roda onde o insumo é a *prenhice*. Gosto da potência que a roda pode proporcionar para minha leitura, pois:

“A roda é antes de tudo, uma forma de leitura comparada, uma metodologia. O pressuposto da roda são as trocas, os atravessamentos daquele momento vivo. A roda é um prisma a partir do qual se pode

² A tese de Doutorado da pesquisadora Fernanda Miranda se intitula “Corpo de Romances de Autoras Negras brasileiras (1859-2006): Posse da História e Colonialidade Nacional Confrontada”, defendida em abril de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

³O texto em questão é “A roda como forma de ler romancistas negras brasileiras”, publicado pelo periódico literário Suplemento Pernambuco na edição 160, de junho de 2019, onde Fernanda Miranda retoma a metodologia da roda proposta na Tese de Doutorado.

pensar a literatura como experiência contemporânea de conexão e partilha, de comunidade. (...) na roda não há hierarquia, o centro é móvel, contingente, transitório. A roda é o avesso da torre. A roda não é lúdica nem está à parte, pelo contrário, pode gerar uma integridade oxigenada para lermos nosso tempo.” (MIRANDA, 2019, p.14)

Já temos um conjunto de forças, de vontades e um modo para reunir três escritoras negras contemporâneas em uma roda, onde poderemos ler suas expressões literárias, em dicções diversas e próprias, e eu curioso pelo conteúdo de seus ventres prenhes, sentarei ao meio dessa roda para aprender com cada ponto de costura, no entrelaçamento de fios de memória e de inventividade negro-uterina.

1.1 Inventando uma roda

Eu me lembro que minha avó Joremir estava sempre a ensinar os pontos de crochê e tricô a tia Vera, a vizinha e a tia Sheila, que morava algumas ruas depois da nossa, mas que estava sempre lá em casa para aprender com minha avó. Era uma ensinadora e ao mesmo tempo uma aprendiz; curiosa, que foi aprendendo de ver e agora estava ensinando a todas as suas parceiras de bairro. Convido então Carolina e Conceição para essa roda, e eu no meio ⁴cheio de perguntas e questionamentos, passeio por entre pontos atrás e pontos corridos que se entrelaçam por entre os espaços que elas abrem diante de mim, num tecer de vozes-mulheres.

Conceição Evaristo traz para a roda Ponciá Vicêncio e Maria-Nova, e essas duas são uma mistura dela própria, com as vozes das mulheres que conheceu e das que ouviu da boca de suas tias e de sua mãe. As vozes-mulheres que Ponciá e Maria-Nova ecoam são experiências de vidas que estão pelos becos da memória de minha avó, Joremir, que de pronto arregala os olhos esboça aquele sorriso de quem está

⁴ Gostaria de explicar sobre a posicionalidade que ocupo dentro desta “roda” que se arma e que irá perpassar toda a estrutura analítica desse estudo. A minha posição ao centro/meio da roda é uma escolha deliberada e afetiva, mas não tem como objetivo apagar ou silenciar a centralidade dos sujeitos desta pesquisa. A escolha por ocupar o centro é uma escolha afetiva, pois a imagem de roda que eu esbocei nesta dissertação, figura as rodas que se armavam no interior da casa de minha avó-mãe Joremir : a televisão, e eu de frente a ela, ao mesmo tempo que ao redor das companheiras de costura/crochê/tricô. Esse é portanto, o desenho da roda que esboço aqui e ao longo deste trabalho: estou no meio, mas em silêncio e atento a tudo que se ensina e dialoga.

assimilando e recordando experiências comuns, um encanto no rosto de quem gosta de ouvir histórias.

Intrometido que sou, digo que essas histórias estão em livros de romances de Conceição Evaristo, e que se chamam *Becos da memória* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2003). Minha avó indaga sobre a possibilidade dessas histórias serem de romance, pois segundo ela “romance tem que ter uma trama menos densa, pois de tristeza já bastava a vida real não é mesmo?” Respondo: Lembra que eu lhe disse para os ler e que havia lembrado muito do que me contou sobre sua vida? Conceição continua a nos contar sobre Ponciá e sobre suas memórias que compõem o seu romance polifônico *Becos da memória* (2006).

Carolina chegou um pouco atrasada para fechar a roda. Atordoada dizendo que não aguentava mais essas favelas, onde as pessoas estavam sempre jogadas aos frangalhos da vida e com fome. Cesarão, em Santa Cruz⁵, o local onde a roda se armou. A conversa estava entrelaçada pelos fios de costura que minha avó fazia, enquanto a TV permanecia ligada no noticiário e o rádio também ligado nas canções religiosas que gostava. Carolina falou dessa zoada e disse que era assim todo dia na sua favela.

Carolina trazia consigo um monte de histórias que vivenciara também na favela e que tinha tentado registrar nos papéis que recolheu do lixo. Minha avó sorriu outra vez, pois ela nunca dispensa um papel velho, sempre faz bilhetes no verso das contas, faz rascunhos de suas leituras e de seus sermões religiosos. Estava escrevendo “umas coisas” para seu neto. Tinha que deixar registros de sua história para os seus. Seu legado não deveria ser perdido. Gostava de recordar, e estava disposta a recordar e a costurar com suas companheiras de roda.

⁵Com suas sete mil casas, o Cesarão é um sub-bairro localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, pertencente ao território do bairro de Santa Cruz, o mais distante da região central do município. Cortado pelo ramal Santa Cruz da malha ferroviária urbana de passageiros da região metropolitana do Rio de Janeiro, possui uma paisagem bastante diversificada, com áreas comerciais, residenciais e industriais. O bairro de Santa Cruz é sede da região administrativa de Santa Cruz, que compreende os bairros de Santa Cruz, Paciência e Sepetiba. Desde a instalação do seu distrito industrial e do Porto de Itaguaí, é uma localidade em franco desenvolvimento. É, porém, um local de contrastes, sendo um dos bairros mais populosos, e ao mesmo tempo, devido a sua vasta área territorial, um dos menos densamente povoados; possui um distrito industrial, mas em sua paisagem ainda impera muitas áreas inexploradas.

“Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo.”(JESUS, 2014, p.14.)

Carolina tem toda razão quando entende que o tempo ajuda a costurar os “fios da meada” e quando ela trouxe para a roda a personagem Bitita, a minha avó Joremir, ainda crochitando, pensava na pequena Jô na sua difícil infância na escola e em casa. Conceição também percebe que a pequena Maria-Nova recolhia em si muitas vozes-meninas que dos becos das favelas tentavam recontar suas histórias tristes. Penso eu, no centro dessa roda, que há um nexo de semelhança, mas penso que as particularidades de suas histórias fazem se abrir diante de mim um espaço de compreensão fundamental dessas escritas.

Lembro do que Livia Natália apontou em uma entrevista onde pensa a sua escrita literária, que de certa forma, está inserida em um espaço identitário semelhante que o das três mulheres negras dessa nossa roda. Eu lembrei do apontamento de Livia Natália pois foi a partir dele que comecei a entender esse espaço literário como um campo plural de vozes. Ela diz na entrevista⁶:

“Eu acho que a gente não pode dizer que é um bloco só. Você tem várias escritas, várias mulheres escrevendo de maneiras diferentes. Você tem mulheres que têm um contexto mais frontal mesmo [impacto, confronto] tipo Cristiane Sobral: o cabelo, essa coisa que é mais da preponderância de uma guerra mais declarada. Aquela coisa do confronto o tempo inteiro, e falando mesmo e uma coisa quase performática dentro do texto. Você tem Mel Adún que é meio do caminho, você tem Miriam Alves, que tem outra forma de escrita, você tem Conceição Evaristo que tem uma poesia na escrita, mas ao mesmo tempo um confronto muito grande. Mas o fato é que a escrita de mulheres negras é uma escrita que é completamente diferente de uma escrita de mulheres brancas, dos homens brancos e dos homens negros. Então, eu acredito que nós formamos dentro

⁶Entrevista de Livia Natália concedida a Jorge Augusto em 20 de maio de 2016 no projeto #selfiepoesia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7lgE41pwg>

dessas várias formas de escrita, nós formamos um corpo sustentado.”
(NATÁLIA, 2016, online)

Quando penso na ideia de “corpo sustentado” e nas demandas deste corpo, penso nas temáticas que são gestadas dentro dos ventres literários de cada uma dessas mulheres que escolhi. Gostaria de trilhar percursos temáticos, onde aparecerão algumas demandas, sempre apresentadas de muitas maneiras e percepções distintas, tendo em vista as vivências de cada uma delas, que ora espelham similaridades, ora distanciamentos.

Dentre as muitas demandas que percebo no cerne das histórias que essas mulheres trazem para a roda, observo uma predominância de uma criação literária que elabora a construção identitária de um eu marcado pelas violências do racismo, pelas opressões de gênero, pela pobreza. A personagem Bitita, trazida à cena por Carolina Maria de Jesus é quem inicia meu vaguear-pensante. Gostaria de lhes contar um pouco do que tenho pensado e aprendido, estando aqui no centro dessa roda de conversas e costuras.

Carolina Maria de Jesus elabora um retorno a infância e faz um movimento de vaivém por entre as suas águas-lembranças para compor seu *Diário de Bitita*, e aqui embarco em fragmentos de Carolina Maria de Jesus, acompanhado de Joremir de Assis Ferreira, que por entre as suas memórias da infância e de seus movimentos vaivém, nos conta sua história. A construção narrativa que Carolina Maria de Jesus elabora para compor Bitita no seu diário, constrói uma ponte que me leva para os relatos de Joremir de Assis Ferreira quando narra sua infância.

Entre elas há uma ligação direta de semelhança. Entre os temas que as conectam estão uma ausência paterna, uma relação de dominação e opressão por parte da mãe, que por conta das demandas da matrifocalidade que desempenham no cotidiano, acabam não estabelecendo laços de afetos com suas filhas. Há também a questão social, onde ambas experienciam a pobreza, com suas particularidades, e por fim, mas não menos importante, o racismo que é, sem dúvidas, um fio que conecta suas narrativas.

“Será que cada criança tem que ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: - Papai! - E o vovô responder-lhe: - O que é minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe.” (JESUS, 2014, p.13)

Carolina narra uma ausência paterna em sua trajetória e pontua a sua insatisfação por não conhecer o seu pai e também registra uma insatisfação no fato de que cada um de seus irmãos terem pais distintos do seu. O modo como as mulheres negras tecem sua crítica me coloca a pensar na centralidade que elas exercem na formação de uma sociedade como um todo: a repetição de frases como “aprendi isso com minha mãe” ou “aprendi isso com minha avó” evidencia essa centralidade.

“Minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava, sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor. Quando mamãe me batia, eu ia para casa do meu avô. Era uma choça quatro águas coberta com capim. Semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre.” (JESUS, 2014, p.29)

Esse fato me traz à memória as muitas casas das favelas por onde passei e me recordo de ter visto essa configuração familiar, em que as mulheres criam seus filhos sozinhas. O criar sozinha os filhos, a matrifocalidade, e um processo complexo, mas de modo geral, se estabelece seja pelo fato dos pais terem abandonado essas mulheres e, portanto, não as tendo como companheiras, acabam escapando da responsabilidade paternal, e no caso dos pais casados com as mães de seus filhos, é comum trabalharem muito tempo e se fazerem ausentes da criação dos filhos.

“Fui uma criança que estava sempre a chorar pois levava uma vida privada sem liberdade (...) Minha mãe não tinha diálogo comigo.

(...). Não me lembro de ter tido carinho de meus pais. Se me perguntarem se eu tenho saudade da minha infância, eu digo que não. (...) Depois que fiquei moça minha avó materna começou a me explicar muita coisa.”(FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos)

A experiência de Joremir de Assis Ferreira é próxima a de Carolina Maria de Jesus, e as aproximei para evidenciar uma situação social que me parece ser comum não apenas entre elas, mas que também pode ser observada como uma problemática social nas configurações das famílias brasileiras, sobretudo as pobres e faveladas, a já mencionada matrifocalidade.

Busquei fazer uma encenação teórico-crítica a seguir, pensando na violência que a centralidade do papel da mãe causa diante da relação delas com suas filhas. Gostaria antes de explicar que para pensar essa questão é central para entendermos algumas temáticas que as escritoras negras articulam em suas escritas, mas também para posicionarmos suas demandas como sujeitos políticos.

1.2 Encenações teórico-críticas

Aprendi com o saudoso professor de literatura brasileira Renato Cordeiro Gomes, que é possível criar lugares teóricos a partir do ficcional e assim fazer da literatura não apenas como elemento passível de interpretação na pesquisa, mas também como um instrumento de teorização sobre o literário e o cultural. Esse não é um exercício fácil, pois nem sempre o texto literário deverá funcionar para explicar uma conceituação que o pesquisador se propõe a fazer, e não se pode correr o risco de fazer a qualquer custo uma ficção teórica.

Eu prometi ao professor Renato que faria uma proposta consistente de ficção teórica em minha dissertação, hesitei inicialmente, mas convido meus leitores interessados para caminharmos em uma encenação teórico-crítica que encontrei para compreender as literaturas negro-femininas faveladas.

Nesta encenação eu proponho conceituações que não estão totalmente fechadas, tendo em vista que em trabalhos futuros buscarei testar suas aplicações. Se tratando de uma dissertação de mestrado, estarei aqui experimentando um caminho de pesquisa. Essas conceituações são modos próprios de ler algumas instâncias das literaturas escritas por mulheres negras e que se articulam em torno do espaço da favela, mais especificamente, é um modo próprio de ler Joremir de Assis Ferreira, numa roda com Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus.

O *ventre gerador* é uma conceituação que pensa o órgão feminino útero como um espaço de gestação que abriga criatividade, inventividade literária e artística. Nesse espaço o estado de prenhez é uma constante, e, portanto, o estado de inventividade artística e também política está sempre permeando os projetos literários de mulheres negras, que agenciam suas temáticas diante das demandas que as violências do racismo, do machismo e do sexismo operam em suas experiências como mulheres negras.

Atribuindo um desenho figurado ao espaço do útero das mulheres negras, não podemos romantizar o estado de prenhez constante, tendo em vista as formas de “engravidamentos”: tidas como mais fortes e aptas para gerarem novos escravos, eram estupradas constantemente pelos senhores brancos. Apesar de prenhes, as mulheres negras eram capitalizadas como mão de obra escrava nas *plantations*, dentro da Casa-Grande e como objetos de satisfação sexual dos senhores brancos colonizadores. As gestações não se tornavam problemas, pois seus filhos já nasciam subjugados e destinados a serem escravizados. Era uma forma de manutenção do modelo de exploração de pessoas negras no Brasil.

Estabelecendo aqui um lugar teórico, é possível encenar o ventre como o local de gestação das inventividades artísticas e literárias de autoras negras, é possível vê-lo como o local de fomento de instrumentos que serão utilizados nas disputas narrativas. Mas isso acontece mediante o processo de recapitalização da dor, operado pelas mães pretas enquanto geram seus filhos. É preciso prepará-los para a dinâmica violenta que os espera.

Compreendendo os projetos literários como filhos gestados nos ventres, podemos afirmar que partes dessas narrativas podem ser tidas como frutos de um conjunto de

violências cotidianas que seus corpos se defrontam historicamente, embora também experimentam a possibilidade de múltiplos nascimentos. A autoria negro-feminina, então, carrega no ventre um filho produzido a partir da dor, mas que será conduzido por rotas de fuga, onde o afeto e a afirmação da possibilidade de vida, busca escapar lugares de opressão e violência. Dessa forma, ao olhar para fragmentos das escritas de mulheres negras, é relevante pensar como as questões das violências do passado colonial se atualizam e quais escolhas configuram as rotas de insurgências em suas escritas.

Uma moldura possível que avisto é a percepção de que a escrita de Joremir de Assis Ferreira nos manuscritos inéditos fornecidos pela autora, é em grande medida, uma produção que denuncia, provoca e cria rotas de insurgência diante de uma tríade temática: racismo, machismo e desigualdade social. Aproximá-la de outras escritas de autoria negro-feminina, tais como as de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus é entender que se trata de um processo amplo de uma dada população brasileira. Nesse sentido, retira dos seus manuscritos um estatuto de singularidade e contribui para a observação das múltiplas facetas das realidades experienciadas por mulheres negras no Brasil.

1.3 Modos de contornar a literatura negro-feminina: uma equação racial brasileira

Entre os muitos modos de contornar os escritos de autoria negro-feminina, busquei um em que priorizei uma tríade que se mostrou constante nos manuscritos de Joremir de Assis Ferreira e que também é um plano de fundo nas criações de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Esse meu modo de contornar está amparado no pensamento social acerca do Brasil, onde a tríade racismo-machismo-desigualdade social mostrou-se como um pilar determinante.

Sueli Carneiro, ativista antirracista e pensadora negra brasileira, expõe desde muito, em consonância ao pensamento esboçado desde o contexto americano por Ângela Davis, que “raça estrutura classe no Brasil”⁷. De fato, esse raciocínio é

⁷A pensadora pontuou esse raciocínio na entrevista concedida na edição 223 da Revista Cult, publicada em 2017.

importante para pensar a encruzilhada social brasileira no qual estou localizado: como um homem branco, filho de uma nordestina empegada doméstica que foi criada por uma mulher negra costureira, que mais tarde tornou-se minha mãe. Nesse sentido, pensar a maternidade como um dispositivo que nos aponta uma outra localização epistêmica, uma outra perspectiva para pensar o fomento das escritas literárias, artísticas e historicamente posicionadas, me parece ser promissor.

Estabelecer uma elaboração crítica acerca da produção literária desses *ventres geradores* a partir da tríade racismo-machismo-desigualdade social, nos põe diante do desafio de contornar esse espaço para além da ideia do saldo escravista nas relações étnico-raciais. Isso porque as facetas do racismo contemporâneo e suas tecnologias e dispositivos estão, contemporaneamente, ajustados e recapitalizados em novas práticas e lógicas. O que nos exige deslocamento da ideia do racismo como dispositivo colonial e faz com que estejamos mais atentos às suas complexidades. Olhar as engrenagens contemporâneas do racismo, se torna possível, quando avistamos, por exemplo, as relações familiares e a circulação social de mulheres como Joremir de Assis Ferreira.

Dessa forma, gostaria de seguir com a ideia de uma “equação racial brasileira”, contorno possível apontado pela pesquisadora e professora Eneida Leal Cunha, em entrevista recente⁸. Trata-se de, conforme ela mesma faz em ressalva, um modo próprio, provisório e pouco usual de compreender a persistência do racismo brasileiro, sendo este estruturante nas relações sociais, e das significações culturais desde o processo de modernização nas primeiras décadas do século XX. Concordando com o raciocínio da pesquisadora, penso que meu modo próprio e provisório de dar conta, hoje, das questões que emergem das escritas negro-femininas se constituem a partir da compreensão dessa equação racial que nos estrutura. E, portanto, essas escritas devem ser pensadas de modo que racismo-machismo e desigualdade sejam desmontados a partir de enfrentamentos críticos.

O racismo, a meu ver pode ser lido como uma ferida colonial que nunca se curou. Foi o dispositivo que coroou e manteve o escravismo como modelo de

⁸Entrevista intitulada “Equação racial brasileira”, concedida ao projeto PPGEL da TV UNEB, Salvador-BA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G7MlrRd3hqc>

organização social e que persiste sendo um elemento estruturante das violências raciais contemporâneas. Observá-lo a partir de hoje, nos desafia a entender como ele se estrutura em práticas cada vez mais perversas que ainda regem os comportamentos sociais. Portanto, ao me defrontar com escritos biográficos Joremir de Assis Ferreira, onde a autora recorda as violências sofridas na infância dos anos 1950, é possível contornar os fragmentos a partir do entendimento dessa equação.

Assim como na criação de Carolina Maria de Jesus, que conta no seu *Diário de Bitita*, a partir da perspectiva da infância, a escrita de Joremir de Assis Ferreira em seus manuscritos relata dois espaços onde o racismo era operante: a casa e a escola. Portanto, suas escritas registram o modo como elas, enquanto crianças, lidavam com o racismo nestes espaços. Narrados a partir de uma perspectiva de uma mulher negra, nos permite perceber, pelas escolhas que fazem, que elas possuem modos novos de enfrentar essa violência que não tinham quando crianças.

A maneira como as duas autoras elaboram suas rotas de criação para com a violência do racismo, pode ser evidenciada nos fragmentos a seguir:

“No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos.” (JESUS,2014, p.42)

“Havia diferença entre os alunos no modo de tratá-los. Naquela época não tinha maldade de pensar pelo lado do racismo pois tinham crianças da cor (sic) que eram tratadas da mesma forma. Só que ela não pegava tanto no pé pois as mães das outras eram barraqueiras. Se eu chegasse em casa e falasse alguma coisa me colocavam de castigo e dizia que se ela fez foi porque eu mereci.”(FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos.)

Sendo essas escritas performances autobiográficas, se torna possível entender o retorno a certas memórias, como estratégias de reescrita de episódios vivenciados no passado. Acredito que revisitando os episódios de racismo que sofreram na infância, ciente dos traumas que essa violência produz na memória das mulheres negras, elas produzem uma espécie de acertos de contas. Esse acerto de contas é possível quando se nomeia a dor sofrida, na perspectiva de bell hooks, exposta no livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017):

“Não é fácil dar nome à nossa dor, teorizar a partir desse lugar. Sou grata às muitas mulheres que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas” (hooks, 2017, p.103)

Certamente ao escrever suas memórias essas mulheres negras, ao que me parece, não estavam preocupadas em teorizar sobre o racismo ou qualquer outra forma de opressão, mas o gesto que se vê é o de nomeação. Enquanto que Carolina Maria de Jesus pensava em um projeto literário e se entendia como escritora, Joremir de Assis Ferreira apenas conta suas lembranças. Mas o gesto entre elas é o mesmo: traçar novas rotas de experiência a partir do que um dia foi dor.

O entendimento acerca da motivação em retomar da memória determinadas cenas, parece óbvia, tendo em vista a brutalidade do que elas viveram, mas a pedagoga Benilda Brito, autora do livro *Negras (in)confidências: Bullying não. Isso é Racismo*”, consegue explicar esse processo de visitar as memórias de dor, para uma reescrita da vida. Ela explica sobre os relatos de mulheres negras que reuniu em seu livro, e conta que as escritoras, já idosas, narram as violências que sofreram no Ensino fundamental⁹.

“Não é ficção, são vivências cotidianas de racismo na escola, que deixaram marcas profundas e foram trancadas a sete chaves na

⁹A pedagoga Benilda Brito é a entrevistada no vídeo “Educação antirracista”, vinculada no Canal Preto, em 01 de outubro de 2019, na página que o coletivo mantém no Youtube. O vídeo faz parte de uma série de vídeos acerca da perspectiva dos negros, onde o antirracismo é evidenciado de forma contundente, pelas palavras de militantes pesquisadores e pensadores notáveis. O vídeo está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=KZGNu4NcWLS>

gaveta da memória. Ao revisitá-las, ainda se percebem as marcas vivas. O bullying te descaracteriza, mas o racismo desumaniza. E o curioso é que eu tenho escritoras, no meu livro, de 70 anos que contam a história aos 6 anos de idade: ‘quando eu tinha 6 anos, o Paulo José da Silva.’... ela sabe o nome do agressor, ela sabe a época que foi, ela sabe a situação que aconteceu, porque o racismo é uma violência que não vai sair da sua cabeça.” (BRITO, 2019, online)

Vale ressaltar, que não considero a escrita de autoria negro-feminina presa nessa motivação única, não acredito que ela só percorra esses caminhos de reescrita da experiência da dor. O racismo é um desafio incontornável, sem sombras de dúvida, para a escrita de mulheres negras e que muitas das vezes funcionam como gatilho no processo de criação. Mas há muitos modos de recapitalizar a dor em escrita, assim como muitos modos de encará-lo. Até aqui o que quis demonstrar é um gesto central na composição temática de algumas escritoras negras, como é o caso de Carolina e de Joremir.

Proponho a *maternidade literária* como uma maneira de leitura. Essa noção funciona como uma ferramenta de leitura que entende a “cultura da maternagem” como um elemento providencial para o entendimento da literatura negra brasileira. É na cena de cuidado da mãe para com seu filho que procuro uma potência para ler projetos de escrita literária feminina. Pensemos na literatura brasileira como um corpo autoral que é masculino e branco, a partir daí, proponho a imagem do pai ausente, que está sempre trabalhando fora e não saberia explicar as relações do cotidiano familiar da mesma maneira da mãe negra, que está todos os dias criando seus filhos, e, portanto, cativando narrativas e imaginações.

Essa figuração que proponho para compreender a literatura, nos desloca do ponto de vista dos nossos pais brancos que escreveram sempre no lugar das mães negras que nos ensinavam tudo enquanto estávamos em casa, sempre em sua companhia. Pelo que se pode observar na relação de Carolina e de Joremir, a partir dos fragmentos de seus textos, a relação de maternagem era uma ferida aberta, e a casa, que deveria funcionar como um espaço de acolhimento e de cura, acabava funcionando como mais um espaço de opressão. Mas essa relação difícil de mãe para com a filha, evidenciada na

escrita das duas autoras pode ser compreendida por uma problemática social em que o machismo é também um dispositivo, que acompanhado o racismo, desempenha um papel estruturante nas configurações familiares.

Gostaria de voltar a Matrifocalidade para entender a criação literária, porque acredito que entender essa questão social nos ajuda a compreensão de outros dois elementos da tríade estruturante da equação racial brasileira. E mais, também me ajuda a justificar a leitura que faço, com a proposta de *maternidade literária* como um espaço de leitura da literatura brasileira.

Nas favelas cariocas, nas casas de pobre, em grande parte o desenho da configuração familiar que se pode observar é o da mãe que está trabalhando em casa (muitos desses trabalhos são o de costurar, revender, cuidar de filhos das vizinhas, vender salgados, etc.) enquanto o homem está trabalhando. Escrevo isso lembrando da configuração de minha casa, da minha família. Aprendi boa parte do que sei pelo que ouvi da boca de minha avó-mãe, enquanto seu companheiro trabalhava fora, e só o via a noite, bem tarde.

O sociólogo brasileiro Jessé de Souza no livro *A elite do atraso: da escravidão à Lava-Jato* (2017), elabora uma análise sobre a formação de uma “ralé brasileira”, que segundo ele é antes de tudo, mas não unicamente, engendrado a partir de um abandono dos ex-escravizados, e “a existência dessa classe singulariza e explica a situação social, política e econômica do Brasil como nenhuma outra questão”. Partindo desse ponto, gostaria de revisitar os papéis sociais desempenhados na configuração pelas famílias negras nesse período pós-abolição, conforme o próprio Jessé de Souza retoma:

Para o negro, sem a oportunidade de competir com chances reais na nova ordem, restavam os interstícios do sistema social: a escória proletária, o ócio dissimulado ou a criminalidade fortuita ou permanente como forma de preservar a dignidade de “homem livre”. Ao perderem a posição de principal agente do trabalho, os negros perderam também qualquer possibilidade de classificação social. A ação concomitante da extinção das estratégias de acomodação do

passado, que propiciaram a negros e mulatos ocupações compensadoras e até nobilitantes, mostra o grau dramático para esse setor da nova configuração de vida econômica. (SOUZA, 2017, p.48)

Me recordo de muitas vezes ouvir da boca dos adultos que me cercavam, que oportunidade não se dispensa. Minha avó Joremir sempre pregava: “Oportunidade na vida da gente é igual a cavalo selado. Ou você monta e vai, ou se perder, não se sabe quando ele vai voltar a aparecer.” A competitividade no mercado de trabalho é uma nuance que esconde muitos episódios de racismo e machismo. As tecnologias que atualizam contemporaneamente o racismo brasileiro, trabalham sustentadas por uma lógica meritocrática, onde ideias de “que é só se esforçar que você chega lá”, fazem da população negra refém de um lugar social em que se deve aceitar a ideia de uma eterna labuta por uma oportunidade de trabalho, “porque não se pode deixar passar nada”.

A partir dessa lógica de competitividade, o trabalho se torna para as populações pobres e negras um elemento fundamental contra as violências do Estado, pois sempre que se observa abordagens violentas e episódios de genocídio do povo negro, há sempre quem aponte: “ele era um trabalhador”. E não importa qual a qualificação que este indivíduo possua. O que se ouve das mães da favela é: “Trabalho não se escolhe não, apareceu, agarra e vai”. É nesse jogo que as famílias pobres e faveladas estão compostas, na maioria das vezes por pais ausentes que trabalham fora o dia inteiro, muita das vezes em ofícios manuais, enquanto que as mulheres exercem maternagem nas casas alheias, assim como na sua casa e para além dos serviços domésticos, atividades que possam lhe trazer renda, como trabalhos manuais.

Em outras palavras, as mulheres, em geral, e mais especificamente pensadas neste trabalho, as mulheres negras, são pontos focais na criação e transmissão de conhecimentos para os filhos de seus patrões, assim como para os seus.

Trouxe esse desenho social para pensar na relação que o racismo acaba por operar nas realidades de mulheres negras. Apesar de compreender que a realidade de Joremir de Assis Ferreira não é necessariamente a que apontou o sociólogo Jessé de Souza, a autora, apresenta nos fragmentos de seus escritos, que poderão ser vistos mais adiante, uma relação traumática para com sua mãe. Uma ferida que o racismo opera

nas famílias interraciais. Meu interesse é apontar mais dois elementos que fecham essa “equação racial”: o machismo e a desigualdade social, recapitalizadas pelo racismo cotidiano, estabelecendo-se como um acoplamento de opressões nas subjetividades como em Joremir e Carolina.

Segue mais um trecho em que o sociólogo Jessé de Souza contempla a trajetória dos ex-escravizados até a realidade social brasileira atual, onde estabelece uma cena que ainda se pode ver nas composições de famílias pobres e negras:

O negro torna-se vítima da violência mais covarde. Tendo sido animalizado como “tração muscular” em serviços pesados e estigmatizado como trabalhador manual desqualificado – que mesmo os brancos pobres evitavam –, é exigido dele agora que se torne trabalhador orgulhoso de seu trabalho. O mesmo trabalho que pouco antes era o símbolo de sua desumanidade e condição inferior. Ele foi jogado em competição feroz com o italiano, para quem o trabalho sempre havia sido motivo principal de orgulho e de autoestima. Belo início da sociedade “competitiva” entre nós. Apenas a mulher negra, devido à especialização em serviços domésticos, encontrou uma situação um pouco menos desfavorável nesse período de transição. A população estrangeira não visava esse tipo de serviço. Em grande medida, essa circunstância explica a “Matrifocalidade” das famílias negras e pobres de qualquer cor, onde apenas a mulher representa uma referência econômica e social de estabilidade. Também nesse aspecto o país pouco mudou desde então. (SOUZA, 2017, p.48)

Conforme visto mais acima, as vivências de muitas Bititas e Joremis no espaço da escola não eram agradáveis e felizes, o que fazia de suas infâncias um momento de dor e de sofrimento. As duas meninas não sabiam agenciar suas forças para lidar com a violência estruturante que o racismo operava diante de seus corpos negros. Em casa, portanto, o racismo se aliava a uma estrutura familiar onde o machismo do pai de Joremir colocava a sua mãe como única responsável pela educação de seus filhos, enquanto que Carolina era criada por uma mulher que sozinha tinha que desempenhar os papéis sociais de pai e mãe.

Nos fragmentos abaixo, Joremir de Assis Ferreira conta um pouco do que se passava em sua casa. É válido ressaltar que o enfoque aqui é observar as opressões que essa menina negra vivenciava, para além da exclusão que sofrera na escola, conforme já foi exposto. Uma jovem menina que internalizava as dores do racismo, pois não tinha uma relação de confiança para com a mãe, e, portanto, não dialogava com a mesma sobre o que vivenciava na escola. Em casa, ela aponta o machismo de seu pai, a violência como um elemento de (des)organização das relações familiares e desenha a mãe como uma mulher oprimida pelo machismo do pai, que reproduzia essa lógica para com as filhas mulheres.

“Fui uma criança que estava sempre a chorar pois levava uma vida privada, sem liberdade de ter outras amizades, para brincar. Pela minha mãe as vezes ela liberava, porém meu pai era muito bronco, ogro.”

“Estudei, fiz o primário, minha vida era só escola e casa, e visita a minha avó materna os finais de semana. Cresci aprontando, apanhava não só eu, mas meus irmãos também. Ajudava a minha mãe a levar meus irmãos menores ao médico.”

“Minha mãe não tinha diálogo comigo, eu ouvia sempre meu pai falar com ela que ela tinha que parar de passar a mão na cabeça dos meninos e sentar e conversar com as filhas dela. ”

“Não me lembro de ter tido carinho de meus pais. Se me perguntarem se eu tenho saudade da minha infância eu digo que não. ”

“Na sala de aula me sentia meio rejeitada. Notava a forma que a professora tratava as colegas mais claras, da forma que ela pedia as outras crianças, era diferente comigo. ”

“Meu pai agredia minha mãe e ela ficava calada, até o dia em que meu irmão mais velho correu para avisar minha avó materna e ela chegou lá em casa e quis dar no meu pai e ele ficou pianinho, pois eu sentia que com minha avó materna ele não se criava. ” (FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos.)

A matrifocalidade que organizava as relações sociais da família de Joremir, sobretudo na figura paterna opressiva, nos permite enxergar o quão complexa era a relação de sua mãe diante das demandas que a filha, uma menina negra, exigia. Pelo desenho que os manuscritos nos apontam, e mais especificamente nos trechos que selecionei acima, demonstram que essa ausência de diálogo se fazia como mais um elemento de opressão e sofrimento para a criança. O que é perceptível é que pela falta de diálogo, Joremir introjeta as dores do racismo, se adapta as relações do machismo (que é uma premissa aceita por sua mãe, que introjeta e reproduz para as filhas) que ordena as relações de poder em sua casa e tendo em vista a desigualdade social na qual está inserida, acaba por desempenhar o papel de mãe de seus irmãos, que são muitos, e que sua mãe sozinha não consegue dá conta de gerir.

No manuscrito transcrito acima, quando Joremir denuncia a diferença no tratamento por parte de sua professora no colegial, desenha para nós um espaço de introjeção que, enquanto criança e sentindo-se frágil diante do complexo de opressões de sua realidade, cria como estratégia para negociar sua saúde mental e estabilidade emocional. O silenciamento estruturante permite, então, que a menina negra vivenciasse todos os dias o racismo na escola, por parte da sua professora e sem que ao menos pudesse denunciar e receber o devido apoio de sua família.

Acredito que no interior da convivência familiar de Joremir com seus irmãos pardos, há uma espécie de *embranquecimento afetivo*. Digo isso a partir de uma recordação e remonto a cena do dia em que conversando na pia da cozinha de uma de suas filhas, Joremir, toma a iniciativa de lavar a louça no meu lugar, e enquanto ela lava a louça eu as seco, e conversamos. Em mais um desses momentos de griotagem¹⁰, onde conta histórias e partilhamos saberes e percepções, eu a pergunto o que ela acha das opressões de raça, enquanto mulher negra, e ela me olha nos olhos e me diz: “sabe que eu nunca me dei conta disso, você me falando isso agora eu tô aqui pensando que eu sou uma mulher negra., é que a nossa família tem tanta mistura. Então, eu já sofri tanto racismo”. Foi algo que me marcou e a cena sempre volta a minha mente quando

¹⁰ Numa cultura oral, como a africana, o *griot* conserva a memória coletiva. A figura do *griot* tem uma enorme importância na conservação da palavra, da narração, do mito. Através da oralidade, contam aquilo que consideram que deve ser preservado como memória. Nessa perspectiva que utilizo a noção de “griotagem”.

tento pensar a racialidade a partir da minha experiência familiar. Em um outro fragmento de seus escritos, ela desenha a composição racial de sua família:

“Nasci de uma família de dez filhos. Minha avó materna era negra. Minha mãe casou-se com meu pai que era branco de olhos castanhos claros. Meus irmãos tinham a pele uns brancos, outros pardos. Cresci naquela casa sem amor.” (FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos.)

Esse *embranquecimento afetivo* acontece justamente por causa dessa “mistura” racial que ela admite, embora seja lida como uma mulher negra dentro e fora de nosso eixo familiar pardo-branco. Sendo fenotipicamente de pele mais escura, se defronta com o racismo quando circula na sociedade, enquanto suas irmãs pardas, são lidas como brancas nestes mesmos espaços sociais que coabitam. Ou seja, é afetivo pelo fato de que a negociação do racismo é com a comunidade afetiva que organiza o espaço familiar. Sendo assim, os negros de pele escura de uma família interracial, tendem a ser lidos a partir da predominância racial branca que constitui a família.

Nesse sentido, o *embranquecimento afetivo* permite que corpos negros habitem uma “zona do ser”¹¹ desenhada para os brancos da família, já que o racista “tem até parente que é” negro, mas geralmente não é racista no seu seio familiar, tendo em vista que a rede de afetos que tece aquele espaço social, o impede. Foi assim que Joremir escapou do racismo dentro da família, mas o vivenciou fora desse espaço e não teve o devido apoio, no sentido da denúncia e da prática antirracista.

Por fim, gostaria de trazer para a roda uma reflexão de bell hooks no sentido de estabelecer uma ponte, uma conexão da relação de Joremir com sua mãe, para com as outras relações que Carolina Maria de Jesus, enquanto Bitita e Conceição Evaristo na composição de sua Maria-Nova e Ponciá. Todas demonstraram uma relação com a dominação masculina dentro da matrifocalidade em suas composições familiares negras e faveladas. Sobre as relações de maternagem, bell hooks em seu livro *O feminismo é para todos* (2018), mais especificamente no capítulo “Maternagem e paternagem feministas”, aponta a articulação do machismo no cerne das práticas de maternagem:

¹¹Esta é uma menção a proposição de “zona do ser” proposta por Frantz Fanon no livro *Peles Negras, Mascaras Branca*.

“Mesmo nos lares onde não havia um pai presente, as mulheres ensinavam, e ensinam, pensamentos sexistas para crianças. De maneira irônica, várias pessoas pressupõem que qualquer lar é automaticamente patriarcal quando a mulher é chefe de família. Na realidade, mulheres chefes de família na sociedade patriarcal, com frequência, sentem-se culpadas pela ausência de uma figura masculina e ficam hiperatentas à comunicação de valores sexistas para crianças, principalmente para os garotos.” (hooks, 2018, p.110)

Tendo focado na experiência particular de uma escrita até então inédita, que é o caso de Joremir de Assis Ferreira, gostaria de estabelecer brevemente uma conexão da experiência evidenciada nos fragmentos acima, com a composição temática das outras duas escritoras negras, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, conforme já pontuei acima. As personagens Maria-Nova e Ponciá Vicêncio dos respectivos romances *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio*, podem ser lidas como ecos de experiências da autora mineira na favela de Belo Horizonte, onde cresceu. E nesse caso, se torna possível entender que as relações observadas e experienciadas pela autora, são fontes para composição temática e estruturação de suas personagens, sobretudo as femininas.

Os fragmentos que veremos a seguir demonstram uma perspectiva importante na conjugação entre real e ficcional, agenciado continuamente na elaboração literária da mineira Conceição Evaristo, designada por ela mesma como *escrevivência*¹². A confusão fundamental que se cria diante da necessidade de compreensão do que seria verdade e o que seria invenção nos textos literários de Conceição, nos permite perceber que a matéria-prima de sua criação é o seu ventre literário prenhe de experiências do cotidiano e das lembranças que carrega. Nas apresentações a seguir,

¹²O hoje conceito é um jogo de vocabulário entre as palavras “escrita” e “vivência”, que a escritora Conceição Evaristo, vem trabalhando desde a sua Dissertação de Mestrado, defendida na PUC-Rio em 1995. Para a autora, este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que ela deseja borrar, rasura com a sua escrita literária. Esse imaginário traz a figura da “mãe preta” contando histórias para adormecer a prole da Casa Grande. Ela deseja, portanto, produzir narrativas que através da sua escrevivência, façam um despertar dos da Casa Grande.

do romance *Becos da Memória* (2006) fica mais evidente essa confusão, quando a própria autora afirma:

“Como já disse em outras ocasiões, esta narrativa nasceu em 1987/88, sendo, pois, anterior à escrita dos contos e do romance *Ponciá Vicêncio*. Foi meu primeiro experimento em construir um texto ficcional com(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, [da *Memória*] mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de escrevivência. (...) Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia.” (EVARISTO, 2003, págs.9,10)

Assim como na composição do romance primeiro que Conceição Evaristo escreve, *Ponciá Vicêncio* (2003) tem um elemento que a meu ver se torna mais contundente na discussão que tenho trazido para esta roda, que é a sobreposição de vozes-mulheres no desenho da personagem Ponciá. Nesse sentido, a voz da personagem-título é um conjunto de vozes, que apesar de particularidades, consegue unificar em si a experiência da própria autora, assim como se projeta como instrumento de representatividade identitária para várias outras mulheres negras, que se enxergam no traçado da personagem. Eu, filho-neto de Joremir em muitos momentos anotava sobre o papel do romance, enquanto lia, puxava setas por entre os espaços do texto escrevia: minha avó.

A autora nos conta sobre esse embaralhamento ou sobreposição de vozes-mulheres no fragmento a seguir:

“E, quando me chegavam falando de Ponciá Vicêncio, eu parava para escutar e achava sempre um motivo para gostar dela também. Resolvi então ler a história da moça. Ler o que eu havia escrito. Veio-me à lembrança o doloroso processo de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que

sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na com(fusão) já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente de Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu.” (EVARISTO, 2003, págs.7, 8)

Por fim, acredito que o desenho dessas personagens criadas por Conceição Evaristo, assim como no narrar-de-si de Carolina Maria de Jesus e Joremir de Assis Ferreira, seriam uma re-inscrição de experiências e revisitação de suas memórias, uma forma de escrever novas narrativas de mulheres negras, para além de espaços de silenciamento e apagamento epistêmico. Gostaria de empenhar mais tempo em mapear nos fragmentos a prenhez de experiência nas configurações temáticas das escritas dessas autoras negras, entretanto, buscarei esse exercício nas próximas rodas que aparecerão ao longo deste trabalho. Até aqui, busquei observar a presença de um certo estado de prenhez, onde de barrigas inchadas, felizes que brevemente parirão elas gestam escritas cravadas numa experiência negro-feminina. Isso é coisa para uma outra roda.

1.4 A maternidade literária como ferramenta de compreensão da literatura negro-feminina

Antes de encerrar este capítulo, gostaria de estabelecer um contorno mais consistente para o que venho chamando de *maternidade literária*. A ferramenta de leitura que proponho não quer exigir o esquecimento da versão do pai branco, mas quer priorizar a leitura de uma perspectiva que não teve centralidade durante muito tempo: a história contada pela boca da mãe preta. Da mãe. Maria Firmina dos Reis, Anajá Caetano, Carolina Maria de Jesus com suas interpretações do Brasil. Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cristiane Sobral, com suas reencenações do cotidiano cínico em que o racismo e o machismo são estruturantes. Nesse sentido, a versão do pai branco nos serve para que seja confrontada com a versão da mãe preta, para que

possamos delimitar as seleções e escolhas que configuram o corpo literário da Literatura Brasileira e a composição de seu cânone.

Entendo a relação de maternagem como um dispositivo, que vai além de um papel social das identidades femininas diante da responsabilidade que lhes são designadas para com esse novo ser parido por elas. Da experiência de múltiplas maternagens que tive ao longo de minha trajetória, gostaria de entender este espaço como uma ferramenta ou uma moldura teórica, crítica e epistemológica das relações temáticas da literatura, mais especificamente as que são produzidas por mulheres negras. Tendo em vista que as escritas de mulheres negras ainda são enquadradas em molduras teóricas tradicionais, espero que a *maternidade literária* venha, a partir deste trabalho e em abordagens futuras que buscarei fazer, contribuir para uma leitura dos textos literários a partir de uma outra moldura.

Acredito que essa ferramenta de leitura é um reposicionamento da perspectiva com a qual estamos acostumados. Antes de tudo, é uma vontade minha e provisória de me defrontar com as escritas de mulheres negras. Os modos de escrever sobre as experiências de corpos negro-femininos são plurais. Digo isso pois, muita das vezes, ainda me flagro estabelecendo metodologias, ferramentas e escolhas teóricas marcadas pela colonialidade. Nesse sentido, ao propor esta ideia, caminho em direção ao chamamento já clássico de Conceição Evaristo, quando diz: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” E é preciso a cada dia fazer algum pai branco acordar de seu sono injusto.

A filósofa e ativista brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), fornece um instrumento teórico que contribui para construção da ideia de *maternidade literária*. Ao elaborar a noção de “pretoguês”, apontou para a importância da figura da mãe preta na formação dos filhos dos brancos nas Casa-Grande. Recuperar esta experiência de maternagem é o primeiro deslocamento fundamental que faço para estabelecer a perspectiva de leitura que venho propondo. O que gostaria de fazer é recuperar a potência da participação fundamental que as mães pretas tiveram no interior da formação de nossa identidade cultural, como fica estabelecido por Lélia:

“E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira. Essa criança, esse *infans*, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretoguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa para esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai.” (GONZALEZ, 1988, págs. 235, 236)

É no intuito de resgatar as instruções fundamentais aprendidas com a mãe preta que poderemos contornar as perspectivas literárias do pai branco, e com um olhar novo, desta vez mais crítico, reposicionamos os lugares de quem vai narrar e de quem agora deverá estar no lugar de escuta. Eu acredito que é preciso escutar mais que não pode falar por tanto tempo. E mais uma vez, a tecnologia da roda de Fernanda Miranda, se faz fundamental. É preciso que filhos brancos, como eu, dessa Matria Mãe gentil possam estar dispostos a sentar no meio da roda e se pôr a ouvir o que as mães pretas estão a nos contar.

E o gesto de sentar no meio da roda para ouvir as mães pretas nos recontar as histórias, a partir de suas experiências, é uma necessidade do nosso tempo presente, tendo e vista as demandas que a contemporaneidade da equação racial brasileira impõe diante de nós. A ideia de posicionalidade, proposta por Ângela Figueiredo e Ramón Grosfoguel (2017), se faz fundamental para complementar a estruturação de minha proposta de leitura focada na perspectiva das mães pretas.

Recupero a seguinte questão:

“O ponto central aqui é o lugar da enunciação, isto é, a localização étnica, sexual, racial, de classe e de gênero do sujeito que enuncia. Na filosofia e nas ciências ocidentais o sujeito que fala está quase sempre encoberto; a localização do sujeito que enuncia está sempre desconectada da localização epistêmica. Por meio dessa desconexão entre a localização do sujeito nas relações de poder e a

localização epistêmica, a filosofia ocidental e suas ciências conseguiram produzir um mito universal que encobre o lugar de quem fala e suas localizações epistêmicas nas estruturas de poder.” (FIGUEIREDO e GROSGOUEL, 2017, p.38)

Buscando prestar atenção no que se forma dentro dos *ventres geradores* dessas mulheres negras que escrevem, pensar o local de enunciação como um parâmetro de leitura é fundamental. Digo isso porque muitos de nós, pesquisadores, críticos e interessados na literatura negro-feminina, ao elaborarmos enquadramentos, molduras e estratégias de leitura, acabamos por estabelecer gestos de “reunião de semelhanças” limitadores. Esses gestos a que me refiro, servem mais para limitar e apagar a pluralidade de dicções literárias das escritoras negras do que para provocar reflexões sobre a literatura brasileira, mais especificamente, em como se dá a formação de nosso cânone.

A pesquisadora e crítica Mirian Cristina dos Santos, argumenta em seu livro *Intelectuais Negras: Prosa Negro-Brasileira Contemporânea* (2019), que a leitura de mulheres negras em interrelação, nos permite observar a trajetória de um dado segmento da população brasileira e estabelecer uma localização epistêmica de suas respectivas empreitadas:

“Visto que as narrativas produzidas por mulheres negras têm seu ponto de convergência na vivência, observar essa literatura, bem como seus reflexos na sociedade atual, traz para discussão o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao subemprego, considerado como formado por analfabetos e destituídos de capacidade de utilizar adequadamente a linguagem e, por conseguinte, de produzir cultura. Nessa interface, perpassa essa discussão o questionamento dos processos de formação do cânone literário e o estudo de construções identitárias.” (SANTOS, 2019, p.22.)

Ao percorrer a escrita de Joremir de Assis Ferreira, a partir de um duplo espaço de pesquisador-familiar, busquei um reposicionamento de uma perspectiva, ao

estabelecer um olhar crítico sobre os processos históricos que estão no plano de fundo de sua empreitada na escrita. Quando Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo aparecem na roda busquei costurar, pelas semelhanças e pelas particularidades, suas posicionalidades epistêmicas.

1.5 Fechando essa roda para abrir outra

Continuo sentado no meio dessa roda. Percorri escritas, estabeleci ênfases em alguns espaços literários e teóricos. Prendi algumas coisas e continuo necessitado de caminhar mais. Dentre as coisas que aprendi é que escrever literatura para essas mulheres é gestar em um ventre prenhe, novos espaços de circulação de suas vozes, uma nova maneira de compor rotas de escrita de si e de suas outras vozes historicamente silenciadas. É uma tecnologia de si que contorna processos históricos de opressão e desigualdade para produzir novos nascimentos, gestados cotidianamente, mesmo que a partir de violências que as deixam prenhes. Os filhos que esperam não mais serão escravizados, já nascem sob a inscrição de uma nova possibilidade de imposição de sua voz e de sua inventividade. Os filhos ecoam vozes perplexas e não sussurros inaudíveis das cozinhas das casas alheias¹³.

Os filhos paridos por estas vozes-mulheres negras da contemporaneidade, têm vozes que podem compor rotas novas de criação literária, assim como de teoria e de crítica. São vozes negras como as de Ryane Leão, Débora dos Santos, Mel Duarte, Lívia Natália, Cristiane Sobral, Louise Queiroz, Fabiana Lima, Tatiana Nascimento, Mirian Santos, Calila das Mercês, são um conjunto de ecos-vozes-mulheres insubmissas.

¹³Faço menção aqui ao poema Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo, publicado no livro *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2017) pela Editora Malê.

2. Contra-ações

*“Se doer mais um pouco,
 de minha boca sairão pedras
 e tochas acesas devorarão minha carne.
 Se doer só mais um pouco,
 as palavras brotarão de meus poros
 e minha boca se demorará em silêncios.
 Se doer ainda mais,
 nascerá um sangue bruto entre meus dentes
 e meu útero perderá seus segredos de vazio.”*

Livia Natália, “Esquecimento”.

Neste capítulo buscarei desenvolver a leitura das escritas de mulheres negras a partir da noção de *contra-ações*. Nesse sentido, me apoio mais uma vez em uma figuração a partir do corpo feminino em gestação: o movimento da contração, em que os músculos da barriga se movimentam involuntariamente, causando dor e desconforto, mas é isso que "empurra" o bebê para fora do corpo da mãe. Quando elaborei a ideia de *contra-ações* como um modo de compreender a escrita literária de mulheres negras, estabeleci a seguinte figuração: o corpo feminino prenehe de sua inventividade e riqueza epistêmica entra em uma disputa corporal com um conjunto de movimentos que querem a expulsão de sua prenhez.

É necessário delinear que essa imagem remonta à contração em um período no qual o bebê não está pronto para nascer, o dito “alarme falso”. O mais importante para essa reflexão é a disputa pela manutenção da normalidade da gestação, pela tranquilidade dos filhos que se espera. Poderia ser lida como uma contração os movimentos violentos que a Polícia Militar faz em suas incursões pelas favelas Brasil afora. A manutenção do direito de viver e em tranquilidade é o que está em disputa. Essa cena que gostaria de trazer para compreender a posição de disputa experienciada pela mãe, no cerne da ideia de *contra-ação*.

Conforme evidenciei no capítulo anterior, quando propus a maternidade como uma ferramenta de leitura, o deslocamento do lugar social e do papel desempenhado pela mãe preta, deve estar na direção do reposicionamento de uma perspectiva histórica, deve seguir como projeto do que Conceição Evaristo aponta como fundamental: despertar a Casa Grande de seus sonos injustos. Esse despertar pode ser observado na disputa da mãe pela vida de seu filho, e na literatura de mulheres negras ele está no ato contínuo de uma reescrita da vida. O modo como Joremir de Assis Ferreira desempenha isso em seus manuscritos, assim como o traçado de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus na articulação da escrita com a matéria-prima da vida é o interesse deste segundo capítulo.

Para iniciar esse percurso, caminho a partir da compreensão da literatura de mulheres negras como um espaço de aquilombamento, onde a autoria negra feminina funciona como mais uma possibilidade de imposição de voz, estando inserida em um conjunto uníssono de outras vozes empenhadas no despertar dos sonos injustos. Conceição Evaristo em entrevista ao site Nexo¹⁴, aponta sua compreensão acerca do papel da autoria negra dentro do projeto político da literatura escrita por mulheres:

“A autoria de mulheres negras na literatura brasileira traz uma vertente com novas histórias, novos enredos, novos personagens, que na verdade borram a literatura. Essa autoria tem um discurso literário que se distancia do que foi escrito até hoje a nosso respeito. Ela parte de dentro de nossas experiências, somos nós dizendo de nós mesmos, nós como sujeitos de autoria, como sujeitos de temática, criando os nossos próprios enredos.” (EVARISTO, 2017, online)

Esse empenho em propor seus próprios enredos que a autora aponta em sua fala, é o ponto de vista da mãe que quer a manutenção da vida, da tranquilidade de seu filho: seja aquele que ela espera o momento certo para nascer, seja o parido que ela deseja ver viver. A disputa é então por narrativas, por reescritas da vida diante das

¹⁴Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima em 26 de maio de 2017, intitulada: “Conceição Evaristo - ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’”, disponível através do link: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%99minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>

movimentações brutais que experiencia, muita das vezes, no corpo. Assim como na sua configuração biológica, a contração aqui é experienciada na brutalidade da violência física, assim como nas violências contemporâneas do racismo cotidiano, nos mais diversos dispositivos.

Recupero as duas ideias propostas no capítulo anterior, *ventre gerador* e *maternidade literária*, para pensar a noção de contra-ações. Compreendo que a escrita literária de mulheres negras, compreendidas como projeto intelectual-literário previamente pensado e cotidianamente negociado através da circulação das obras, como nos casos de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus é uma contra-ação diante de um sistema fixado historicamente. Para isso, a maternidade literária serve como uma ferramenta de reposicionamento de perspectiva, e por isso é também uma contra-ação metodológica.

A terapeuta menstrual Caroline Amanda, na ocasião de uma entrevista¹⁵, compreende que os ventres femininos negros são espaços de uma memória complexa de violências carregadas no corpo. Portanto, lutar contra um conjunto de violências raciais, exige de todos (dos negros e de todos engajados na luta antirracista) novos instrumentais teóricos e metodológicos. Me apoio na escrita literária como um espaço de construção de um gesto que luta contra os movimentos brutos que buscam expulsar os frutos desses ventres.

Nas palavras de Caroline Amanda, o seu esforço de lutar contra o genocídio passou pela revisitação crítica de um órgão feminino, o pensando como capital político de luta. Tendo em vista que encaro o ventre como um lugar de gestação de criatividade, inventividade, acredito que a contribuição da terapeuta se dá no sentido de conceder a este espaço do corpo como local de agenciamento e luta diante das contra-ações do racismo e de todas outras opressões encaradas pelos corpos negros no cotidiano:

¹⁵A entrevista em questão fora concedida ao site HUFFPOST, e publicada sob o título: “A liberdade, os ventres e as mulheres- o trabalho da terapeuta Caroline Amanda” em 27 de novembro de 2018, atualizada em 13 de setembro de 2019, disponível no link: https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda_a_23601601/

“Acho que hoje eu luto contra o genocídio em outro lugar, promovendo a saúde desses ventres. Nossos ventres, no geral, das mulheres africanas em diáspora, têm uma memória muito complexa: muita dor, muita perda, muitos abortos forçados, muitos outros abortos espontâneos que são fruto do racismo.” (AMANDA, 2018, online)

Na minha observação, o que fica perceptível no perfil desenhado a partir da escrita de Joremir de Assis Ferreira, é uma mulher negra contando sua trajetória de vida, de modo que percorre suas memórias do passado, sobretudo da infância e das suas relações familiares, estabelecendo escolhas de episódios que o marcaram. Ao fazer essas seleções por episódios marcantes, faz um contorno por certas violências em sua trajetória, e por isso se empenha em revisitá-las, hoje, num gesto de confrontação, mas desta vez mais bem equipada do que quando as vivenciou.

Por fim, faço uma ressalva acerca da escrita de Joremir de Assis Ferreira. É importante aproximá-la diante das escritas gestadas por Conceição Evaristo e de Carolina Maria de Jesus, pois acredito que o perfil de cada autora delinea projetos intelectuais-literários distintos, e, portanto, suas negociações com os espaços de circulação de seus saberes, se dão de modos diferentes. A mineira Conceição Evaristo, a meu ver consegue estabelecer um perfil intelectual-literário de grande preponderância e alcance, e portanto, negocia capitais distintos dos ativados por Carolina Maria de Jesus, enquanto que Joremir de Assis Ferreira, não se projeta como uma intelectual-literata enquanto escreve, mas como uma mulher negra que se utiliza do capital da escrita para a inscrição de uma performatividade política.

2.1 Mais uma roda se arma...

Mais uma roda se arma, mais um espaço de aprendizado para mim. Acredito que as vozes-mulheres expressas por entre as letras que as companheiras de minha avó-mãe nessa rota de insurgência traçam, podem ser pensadas como estratégias, como gestos de uma luta. Não quero cercar as muitas potências dessas expressões numa

amarra, numa chave única. Mas escolhi esse momento, esse espaço para conversar com ela sob um prisma específico meu. Essa escolha é política, não queria deixar passar esta oportunidade de conjugar temas e gestos políticos de afirmação, resistência e luta, a partir de um diálogo com a escrita delas.

Quando eu digo que é possível conjugar as escritas delas com temas e gestos, estabeleço que na nossa roda vamos pensar sobre alguns contra-ações específicas, tendo em vista que Conceição, Carolina e também Joremir falam de muitas coisas da realidade negro-brasileira e de muitas perspectivas. Mas eu queria muito falar com minhas companheiras de conversa a partir dos seguintes disparadores. São temas que me fizeram pensar sobre o cotidiano que muitas vezes observei e vivenciei na favela com minha avó-mãe Joremir, ou outros temas que brotaram em minha mente enquanto lia Carolina e Conceição. Aproveito a oportunidade da roda para que esses pensamentos-vozes girem na força do vento e que alcancem todas as pessoas interessadas.

Os temas dos quais venho circular possuem conceituações e campos de discussão e investigação vastos, é necessário ressaltar. Mas gostaria de dizer antes de tudo, que aqui vou abordá-los respeitando seus territórios teóricos, porém, farei conexões e proporei interpretações a partir de minha perspectiva de análise, pensada e maturada ao longo dos estudos no Mestrado. Os temas aos quais me refiro giram em torno dos conceitos de genocídio, memoricídio, etnocídio e pilhagem epistêmica. Vou explicá-lo, mas antes vou fazer o convite para que minhas companheiras se achem.

Joremir prepara o terreno para a chegada de suas companheiras, a cozinha não é seu forte, ela logo avisa, mas fez um bolo, um café e já sentou na cadeira de balanço que toda avó tem em casa. Eu, para variar, descalço e sentado no chão. Estava no pé de figo e pitanga catando para fazer um suco, o que eu mais amo. Conceição Evaristo, a professora me avisa que entendeu a minha chamada e faz a ressalva: é preciso às vezes falar da literatura que fazemos para além do espaço de dor e luta, é preciso falar de amor e de felicidade, mas entende que o despertar dos sonos injustos, é um projeto de leitura de sua escrita também.

Carolina Maria de Jesus, escritora responsável por uma obra central na temática da/sobre/a partir da favela, se achega e diz que tem muito a dizer sobre esse seu

espaço. Eu concentrado no que elas começam a armar como roda de interpretação sobre a literatura e a vida, mas também como uma aula de História, de Sociologia, onde a matéria do cotidiano, escrevendo em literaturas múltiplas é o material de aprendizagem. Me perco por entre os becos que se formam pelas palavras-mundo que traçam. Vou tentar partilhar com vocês o que penso enquanto ouço essa conversa em roda. O crocheter aqui é uma forma de costurar tanto ensinamento.

Neste momento, portanto, vou pensar o conceito de genocídio, a partir do elemento fome em Carolina de Jesus, o memoricídio a partir do elemento desafeto em Joremir de Assis Ferreira e do etnocídio ou pilhagem epistêmica a partir do banzo em Conceição Evaristo. Então, já se sabe que essa minha escolha não quer dizer somente em Carolina se pode pensar a fome, pois é evidente na escrita de Conceição, assim como o desafeto aparece para além de Joremir.

2.2 Circulando as contra-ações a partir de quatro conceitos

O conceito de genocídio com o qual vou circular a escrita de Carolina Maria de Jesus está acoplado a alguns outros conceitos fundamentais do pensamento da Geografia Política, ou seja, faço uma relação entre a cidade e as relações raciais para assim pensar o espaço da favela. Considerei importante estabelecer essa relação, pois esta foi a janela teórica que se abriu diante de mim enquanto relia os fragmentos de Carolina Maria de Jesus. Lendo Carolina Maria de Jesus eu comecei então a pensar quantos corpos eu vi tombar ao longo de minha vida por entre os becos das favelas, e mais: tombaram de muitas maneiras.

O genocídio, de modo geral, é o entendimento de o ato de destruir, por meio do assassinato em massa de um grupo humano ou etnia. O conceito de genocídio foi usado originalmente por Raphael Lemkin (1944), podemos deixar estabelecido o genocídio constitui um pilar de luta dos movimentos negros para tornar visíveis as violências que se desdobram a partir das discriminações raciais que colocam a população negra em um espaço de marginalidade e vulnerabilidade. Esse desenho se completa quando da observação da presença desigual dos negros no mercado de

trabalho formal, no sistema educacional, onde se pode observar um quadro de evasão escolar maior entre os jovens negros. No sistema político, têm-se um número baixo de representação negra nos espaços de poder, assim como que nos espaços social e cultural, podemos ver a criminalização de gêneros musicais como o funk, nascido nas favelas e importante agenciador estético naquele território.

Esse conceito possui uma vasta contextualização desde sua criação, mas gostaria de processá-lo partindo da contribuição do pensador brasileiro Abdias do Nascimento (1914-2011). Conforme já argumentei no capítulo anterior, farei minhas leituras para além da ideia de saldo escravista; e, portanto, o escravismo não será visto como elemento unicamente estruturante do genocídio. Me interessa pensar como toda essa ferida, que nunca sarou, se recompõe ao longo de um século a até a nossa contemporaneidade. Faço essa ressalva porque Abdias do Nascimento, por exemplo é uma referência que ressalta a centralidade da experiência do escravismo para pensar o genocídio.

O autor argumentava, mais especificamente na sua obra *O genocídio do Negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978), que o processo de genocídio não se tratava apenas de um projeto de matança, mas também um ideal de extinção dos valores culturais de um povo, que se forja a partir do racismo. O que sabemos é que existiu toda uma política de Estado de repressão às religiões de matrizes africanas, que foram capital inicial do que hoje avistamos com a criminalização do funk. Hoje, podemos ver que genocídio como ideário e todos os seus dispositivos de matabilidade para com esse grupo étnico, se atualizou.

A partir do argumento do autor, que faz uma análise desde o passado escravista e se preocupa em demonstrar a atualização deste rastro colonial, é possível que elaboremos uma cena contemporânea, onde o racismo localiza, via dispositivos jurídicos, políticos e culturais, o espaço social dos negros, que é a favela. Conforme aponta o pensador antirracista Abdias do Nascimento:

“Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação no - emprego- na escola- e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar as suas condições de vida, sua moradia inclusive. Alegações de que esta

estratificação é “não-racial” ou “puramente social e econômica” são slogans que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois a raça determina a posição social e econômica na sociedade brasileira.” (NASCIMENTO, 1978, p.82)

Por fim, é importante explicitar que mais recentemente no Brasil, as reflexões que retomam a *biopolítica* proposta por Foucault, como Sueli Carneiro e Eneida Leal Cunha, na entrevista já citada, vêm destacando a importância das políticas racialistas da eugenia no início do século XX para a dimensão estruturante do racismo e do genocídio, especificamente.

A filósofa Sueli Carneiro (2005) retoma o conceito de Michel Foucault para sua elaboração acerca do epistemicídio. O pensador entende que o racismo é uma dimensão do poder soberano sobre a vida e a morte. Nesse sentido, compreendo que por meio do biopoder, conceito que descreve uma tecnologia de poder, o racismo instrumentaliza uma biopolítica que permite a eliminação dos segmentos indesejáveis. Os indesejáveis, numa sociedade em que a branquitude impõe/estrutura uma dominação étnica/racial, se referem à população negra. Essa tônica pode ser sintetizada na seguinte de Sueli Carneiro (2005, p.97):

“o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a

condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjogado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de seqüestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta.”

Dito isso, caminho com Carolina Maria de Jesus para pensar o espaço da favela, que é o local onde se pode observar distintos modos de matar. Acompanho Carolina por entender que a geografia da cidade, cindida entre o “asfalto e o morro”, como se repete, deixa estabelecida a precariedade da favela. A construção dessa precariedade se dá de diversos modos, como pela falta de saneamento, de serviços básicos de saúde, transporte e habitação, além de abordagens policiais violências. As abordagens se justificam com a “guerra ao tráfico de drogas”, que se constrói discursivamente nas políticas públicas e em todos os meios de comunicação, muitas vezes em linguagens artísticas como o cinema.

Apresenta-se a favela como um espaço perigoso e, portanto, o papel da Polícia é não só necessário como salvador. Outra justificativa é o combate ao tráfico de drogas e a uma criminalidade, que por sua vez, é desenhada racialmente.

Sobre a configuração da favela, vou recorrer a alguns fragmentos do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960. E a costura que farei está apoiada nos dispositivos de bio-necropolíticas do Estado, partindo das formulações de Michel Foucault e de Achille Mbembe, assim como no raciocínio que o geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) faz com a noção de rugosidade, pensando as marcas históricas na configuração da paisagem atual.

A respeito da cisão estruturante que, a meu ver, configuram os limites dos dispositivos de matabilidade desenhados pelo Estado, a escritora Carolina Maria de Jesus coloca sua interpretação de modo contundente, quando utiliza da metáfora da favela como um “quarto de despejo”. Essa designação feita por Carolina, inclusive, já vem sendo pensada como uma categoria de análise nos estudos sobre relações de poder

que estruturam a divisão social de determinadas paisagens sociais.¹⁶ Nesse sentido, elegi alguns fragmentos, com os quais vou conversar a partir dos lugares teóricos que adiantei.

“...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2014, p.32)

“Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitolo que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 2014, p.37)

“Quando eu vou na cidade tenho impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas.” (JESUS, 2014, p.85)

O filósofo Michel Foucault (1926-1984), ao formular seu pensamento acerca da biopolítica, entendida como “os instrumentos que o governo se dará para obter esses fins [atendimento as necessidades e desejos da população] que são, de algum modo, imanentes ao campo da população, serão essencialmente a população sobre o qual ele age”

(Foucault, 1978, p.168), deixa estabelecido que existem instrumentos e técnicas de poder com as quais o Estado articula o seu papel. O biopoder, é uma tecnologia de

¹⁶ Noelia Rodrigues Pereira Rego, em sua tese de Doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO, faz o uso da noção de “quarto de despejo” para localizar o espaço de seu objeto de estudo, tendo em vista o desenho do espaço onde recai sua análise. Para a autora, que investigou trajetórias estudantis no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEAd) da PUC-Rio, a localização do Núcleo é periférica, tendo em vista uma lógica que exclui as políticas educacionais do espaço. Caminha na direção da ideia apontada por Carolina Maria de Jesus, compreendendo que a motivação dessa localização do NEA seria uma maneira de exclusão e inviabilização do trabalho realizado naquele espaço.

poder, que possibilita com que o Estado exerça o controle e manutenção da bios. Ou seja, as principais tecnologias do poder moderno operam sobre a vida das populações. Articulando o pensamento do filósofo francês, que na elaboração desse conceito tem como nexos centrais explicar o racismo, o filósofo camaronês Achille Mbembe, rearticula a noção de biopolítica de Foucault e elabora a noção de necropolítica.

Achille Mbembe se debruça em ideias como soberania, biopoder e estado de exceção (a partir do conceito do filósofo Giorgio Agamben), para rearticular as ideias elaboradas por Michel Foucault e parte do pressuposto de “que a expressão máxima da soberania reside em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”, e desse modo, estabelece que a razão pela qual “matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais.”

Esse conjunto de conceitos são fundamentais aqui para a interpretação do que vimos nos fragmentos que trouxe de Carolina Maria de Jesus, pois possibilitam que possamos entender o nexo central e força motora para o ímpeto de escrever da autora favelada: um gesto contra a condição social de precariedade na qual estava inscrita. Ao acionar as formulações de Michel Foucault e Achille Mbembe, acredito que foi possível estabelecer um fio que nos faz entender que os diversos modos de deixar morrer na favela se dão inclusive pelos modos como são pensadas as cidades¹⁷, cindidas em espaços racialmente desenhados e com administrações racialmente desiguais, que determina os que podem (segundo Foucault) morrer e os que devem (para Mbembe) morrer.

Em mais um fragmento Carolina Maria de Jesus, que datado da publicação de 1960 e escrito em 1956, que já reproduzia em seu diário um estereótipo que é ainda hoje o capital de justificativa para a criminalização dos sujeitos favelados. A configuração da favela como um espaço perigoso, portanto passível de um constante estado de exceção é possível de ser elaborado a partir de pensamentos como estes, reproduzidos a seguir:

¹⁷A arquiteta Stephanie Ribeiro na entrevista intitulada “Quem pensa as cidades – racismo na arquitetura” concedida no dia 23 de outubro de 2019 ao Canal Preto, contribui para uma reflexão sobre a forma que a cidade materializa todas as opressões e como as questões de gênero e raça afetam a vivência urbana. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IPg0RXBQWOQ>

“Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país.” (JESUS, 2014, p.29)

O genocídio, portanto, pode ser visto como um movimento violento que a todo tempo quer expelir o que está sendo gerado nos ventres dessas mulheres negras. De forma literal, o expelir pode ser visto nas cenas de abordagens policiais pelas favelas, de onde têm notícias de tiroteios, invasões violentas nas casas para apreensão, assim como de chacinas, sobretudo de jovens negros, que são comumente vistos como associados ao tráfico de drogas, mesmo quando se têm provas de que não são. É importante registrar que a guerra ao tráfico de drogas, é um dispositivo que funciona para o Estado, mais especificamente para a Polícia Militar, como prerrogativa para um conjunto de violências e mortes nas favelas.

O geógrafo brasileiro Milton Santos, fornece o conceito de rugosidade para pensar as marcas do passado como inscrições nas paisagens atuais da cidade, que conforme observamos são contemporaneamente recapitalizadas pelas tecnologias de poder do Estado. Para o geógrafo:

“O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos

tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho.” (SANTOS, 2002, p.92)

Desse modo, entendo que ao escrever sobre e a partir da favela, Carolina Maria de Jesus promove uma escrita contra toda uma acumulação desigual da cidade, produzindo fissuras em espaços fixos de estereótipos, que colocam os favelados em chaves de limitação, inferioridade e subalternidade. Uma mulher negra, catadora de lixo e favelada que criou sozinha os seus filhos, consegue produzir uma literatura com uma interpretação sociológica da cidade, apesar das muitas demandas que sua condição social lhe impunha. Não se trata de acreditar na falácia de que todos somos iguais e que o esforço de Carolina a faz uma guerreira que conseguiu driblar as dificuldades. Se trata de que essa escritora e sua literatura agiram contra toda uma pluralidade de violências que matam cotidianamente sua existência física e também sua capacidade epistêmica de produzir em meio a tanta violência. A escrita para Carolina Maria de Jesus funcionou como gatilho que atinge os senhores e seus sons injustos, conforme a mesma fala, concluo:

“Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.” (JESUS, 2014, p. 58)

Os modos como muitas das vezes a literatura produzida por Conceição Evaristo são trabalhadas ou citadas me faz pensar sobre o etnocídio e/ou pilhagem epistêmica. Acredito que não apenas a escrita e o projeto intelectual da autora, mas inclusive seus atos públicos, são negociações para com esse processo. O etnocídio, segundo Fernando Baéz (2010), pode ser entendido como o resultado de um roubo econômico que exige a modificação das estruturas mentais dos subordinados.

“este desenraizamento cultural impôs a decadência dos idiomas, o preconceito contra a tradição e a negação da história. Se o termo genocídio nos remete à ideia de liquidação de uma determinada “raça”, o etnocídio nos mostra a destruição sistemática dos modos de vida, de cosmovisão e de pensamento de pessoas distintas.” (BÁEZ, 2010, p. 133)

No caso da negociação que Conceição Evaristo faz, acredito que a escritora mineira, ao circular pelos espaços da intelectualidade, como na sua candidatura para a Academia Brasileira de Letras, provoca tensões e discussões acerca das exigências que espaços de privilégios estabelecem para que sujeitos historicamente excluídos os acessem.

Na elaboração de duas personagens, Ponciá Vicêncio, do romance homônimo lançado em 2003, assim como Maria-nova do romance *Becos da Memória*, de 2006, a autora reescreve espaços de pilhagem epistêmica ou epistemológica. O conceito, aparece em *O arco e a arkhé: ensaios sobre literatura e cultura* (2016), do professor baiano Henrique Freitas e é entendido como:

“Uma das perversões do epistemicídio que consiste na subtração ou apropriação de elementos constitutivos dos saberes subalternos (aqueles que constituem as cosmogonias indígenas, africanas, negro-brasileiras ou as tecnologias sociais e linguísticas dos pobres) sem qualquer agenciamento e muitas vezes mesmo referenciação dos sujeitos dessas gnosés. Nesse sentido, é pilhagem, porque saqueia-se o outro naquilo que se reconhece como mais valioso para incorporá-lo em seu repertório como estratégia de projeção individual ou de um grupo completamente diferente daquele que gestou os saberes em foco.” (FREITAS, 2016, p.39)

A partir da abordagem de Henrique Freitas, compreendo que alguns dos gestos de Conceição Evaristo se fazem necessários, numa costura dupla: por fora, na vida

pública enquanto intelectual e por dentro, enquanto vozes-mulheres que aparecem pelos becos de suas memórias escritas nas personagens que desenha.

“ (...) Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (...). Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. (...). Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele espantado perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que lhe poderia chamar de nada. [Ele] deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem.” (EVARISTO, 2003 p. 18,19)

No fragmento acima, a autora ao falar da luta de Ponciá Vicêncio em torno dessa herança que recebera de seu avô, como um legado ancestral, deixa em evidência no texto a presença de uma temporalidade ininterrupta que conecta a ancestralidade negro-brasileira. Nesse sentido, para além da disputa consigo mesma e com a realidade dura que Ponciá Vicêncio vivencia, fica estabelecido que há uma herança que se perpassou para a menina, que ainda não a entendeu e nem tomou posse. A memória, portanto, é o elemento conector, e Conceição Evaristo a entrelaça para compor a trajetória de Ponciá, assim como a de Maria-Nova.

“O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo

de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô do seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? (...) Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2003, p. 26, 27)

A partir desse fragmento, a memória é também uma maneira de construir uma reescrita, via a criação de um personagem, e, portanto, uma rasura da reescrita. Ou seja, ao recolher em si todas as memórias de histórias que ouviu de suas tias, de sua mãe e do que viu e viveu pelos becos de Belo Horizonte, a autora produz um reprocessamento que rasga toda e qualquer pilhagem que ousa se montar para com sua escrita, no sentido de se reapropriar dos saberes e códigos apreendidos na favela onde cresceu. Digo isso, no sentido de que é sabido que a circulação de literaturas de mulheres negras no mercado editorial e nos espaços de legitimação de literaturas, é uma demanda que ainda exige muita articulação política de enfrentamento, rasuras e afirmação .

Em relação a essa questão, a autora diz, em entrevista recente¹⁸:

“Eu cheguei ao cenário de uma forma muito tardia. Estou muito grata, muito feliz, tenho dito que estou lacrando, mas aos 72 anos. Será que, se eu fosse uma escritora branca, vinda de uma situação financeira não tão dolorosa como a de que eu vim, teria tido

¹⁸ Entrevista concedida a Revista Trip, intitulada: “Conceição Evaristo transforma sua trajetória em referência e impulso para toda uma geração de jovens escritores negros que, como ela, buscam transformar a sociedade”, em 23 de outubro de 2019. Disponível no link: <https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/conceicao-evaristo-transforma-sua-trajetoria-em-referencia-para-toda-uma-geracao-de-jovens-negros>

tanta dificuldade para publicar? Será que já não estaria nessas feiras literárias muito antes?” (EVARISTO, 2019, online.)

Conceição Evaristo, ao afirmar a visibilidade tão importante que seu nome ganhou nos últimos anos, mais que é tardia, tendo em vista que já escreve desde muito tempo, permite abrir uma janela em minha interpretação, que me leva até a uma das vozes que ecoa quando cria, que é a voz de Maria-Nova, herdeira de muitas histórias de dor, mas que se põe a recontar, reescrever a partir do espaço da favela. Portanto, ao reescrever as histórias que viu e ouviu, ela age contra as tentativas de roubo epistêmico de escrita de mulheres negras na contemporaneidade, tendo em vista a afirmação e o empoderamento político e identitário, desse grupo que foi excluído dos espaços de visibilidade desde muito.

“Maria- Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. [...] Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. Pensou em Tio Totó. Isto era o que a professora chamava de homem livre?” (EVARISTO, 2006, p. 137, 138).

As muitas histórias, portanto, começam a ser reescritas por Conceição e por um conjunto de vozes que rasuram os espaços como o da literatura, tomam posse de suas gnosés que muitas vezes lhes foram roubadas e por ora fetichizadas, e começam a produzir um arsenal de escritas, políticas e de códigos estéticos que reinventam cenas nas artes, na literatura, no cinema, no entretenimento. E não tem mais volta.

Com a escrita de minha avó-mãe Joremir de Assis Ferreira, caminho a partir do conceito de memoricídio, elaborado por Fernando Báez, no livro *A história da destruição cultural da América Latina: Da conquista à globalização* (2010). O memoricídio, consiste na eliminação de todo o patrimônio, seja ele tangível ou

intangível, que simboliza resistência a partir do passado. O conceito foi recentemente resgatado pela professora de Estudos Literários da UFMG, Constância Lima Duarte, na palestra “*Memoricídio: o apagamento da história das mulheres na literatura e na imprensa*”¹⁹ para a reflexão sobre apagamento deliberado da história das mulheres, promovido pelo corporativismo masculino de professores, editores, jornalistas - intelectuais de maneira geral, no qual ela denominou de “memoricídio feminino”.

Um outro registro deve ser feito, acerca de um trabalho que coopera para o desmantelamento do processo de apagamento pelo qual as mulheres, nesse caso mais especificamente, mulheres negras, sofreram, nos relatos de formação da literatura brasileira. Trata-se do trabalho de Fernanda Rodrigues Miranda, no seu livro “*Silêncios PrEscritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras*” (2019), que fornece um mapeamento de escritoras negras romancistas, elabora uma análise sobre oito destas escritoras negras e ainda elabora um mapeamento de romances de autoria negra publicados que vai de 1859- 2016. É um gesto que reativa a existência, pelo resgate e reconstrução de uma memória, de mulheres que foram silenciadas pela historiografia literária e pela História.

A escolha por circular a escrita de Joremir de Assis Ferreira a partir do conceito de memoricídio aconteceu devido a um episódio que muito me marcou durante a realização desta dissertação e para isso vou contar um pouco sobre como esses manuscritos foram chegando até a mim:

A necessidade destes manuscritos foi de ordem afetiva e política. Primeiro pelo fato de que imerso em um conjunto de histórias sobre minha vida, percebia que haviam histórias cruzadas e pontos de desencontros entre elas. Os manuscritos de minha avó-mãe viriam para apontar uma disputa de poder no interior das múltiplas maternagens que tenho - minha mãe biológica Maria de Lourdes e a minha mãe de criação, minha madrinha, Eliana, filha de Joremir - que estavam o tempo inteiro disputando a centralidade na maternagem. Recebi um conjunto de escritos e logo me

¹⁹A autora se apoiou acerca do conceito em fala feita recentemente no evento VI ELUNEB, que aconteceu entre os dias 08 a 10 de outubro de 2019, na Universidade do Estado da Bahia. Na ocasião do evento, conversei com a pesquisadora e me forneceu a devida referência. Sobre a palestra em que utilizou pela primeira vez o conceito, está disponível no link: https://www.sympla.com.br/seminario-leituras--acoes-feministas-constancia-lima-duarte__596155

surpreendi: antes de falar de mim, minha avó-mãe falava dela como filha, como mulher negra, como esposa, como mãe.

Na expectativa de mais manuscritos, busquei cada vez mais dialogar com minha avó e ela, que sempre me incentivara a ser o “escritor da família”, agora mostra-se disposta a reunir as muitas vozes-lembranças de sua mente, para colocar no papel tudo aquilo que julgara importante e necessário de ser dito. E assim, chegou até mim um segundo volume de escritos. Que muito me choca, tendo em vista as denúncias que vejo e os ecos que encontro. Ecos de coisas que eu já havia lido em algum momento de minha trajetória de leitor. E assim eu esperava mais escritos.

No meio dessa expectativa, num dia de almoço em família na casa de minha avó eu leio parte dos manuscritos que ela preparava para me mandar, sempre por meio digital (ela escreve de modo manual, mas digitaliza em seu scanner que fica localizada em seu escritório, junto de suas máquinas de costura). Peço que ela termine com calma seus escritos, falamos de literatura de mulheres negras, ela manda eu me adiantar e levar comigo os escritos. Eu digo que não, que era preciso ela conversar mais com ela mesma, pois o que eu havia lido era forte e profundo, e que demandaria muita paciência, para que ela se resolvesse e colocasse no papel tanta dor. Pois bem, ela colocou tudo que lhe causava dor, e de modo superior, recolhia as dores com seu gesto de superação.

Chega o dia do combinado de receber os manuscritos, eu escrevo para minha avó e pergunto como andam as coisas, não gostava de cobrar os escritos, pois não estava querendo exercer o papel de editor que cobra texto para autor, e nem queria me sentir pesquisador pedindo *corpus* para pesquisa. Eu era apenas um neto-filho conhecendo mais de sua avó-mãe. Ela me diz que deixou os escritos em cima da mesa e que meu avô, seu marido, havia lido e achado “mais uma das bobagens que ela fazia” e que ela não deveria escrever mais sobre aquelas coisas, ela deveria esquecê-las. Ele rasgou e jogou no lixo.

Como participante afetivo da pesquisa, gostaria de pontuar que dentro das relações familiares, Joremir de Assis Ferreira é vista como uma mulher que gosta muito de fazer textos, homenagens, que tem habilidades com trabalhos artesanais e sempre que pode ela faz um destes trabalhos para presentear os membros da família. É

também lembrada como uma pessoa “presa no passado”, pois sempre se recorda de histórias felizes e tristes do que já se passou. O interessante é que quando as histórias são risos-lembranças todos gostam de celebrá-las, mas quando são dores e denúncias, a consideram muito “presa” ao passado.

Isso me faz pensar que é importante olhar para o passado com um olhar crítico, que busque ver onde estávamos em situações de opressão. Esse homem branco que não gosta de ser lembrado de suas ausências de sua masculinidade tóxica e violenta, deve ter se incomodado com a escrita de uma mulher negra que ecoa vozes de suas outras muitas irmãs. Mais uma vez me peguei pensando em Conceição Evaristo e em Carolina Maria de Jesus: quem seriam os muitos homens brancos que rasgaram seus escritos?

A partir desse episódio, gostaria de pensar o modo como o apagamento da memória, é um dispositivo que possibilita a morte epistêmica, que além de silenciar é também um dispositivo que controla o silenciado. Conforme afirma o autor: “Um povo sem memória, é como um homem amnésico: não sabe o que é nem o que faz e é presa eventual de quem o rodeia. Pode ser manipulado” (BÁEZ, 2010, p.288). O ato violador do esposo de Joremir de Assis Ferreira é um modo de figurar outros muitos modos que acontecem em diversos espaços sociais e políticos na tentativa de silenciar, controlar mulheres negras.

Os fragmentos dos manuscritos de Joremir de Assis Ferreira que selecionei retratam episódios vividos pela autora em diversos espaços. Em todos os episódios observa-se o racismo como elemento organizador das opressões evidenciadas:

“Não me lembro de ter tido carinho de meus pais. Se me perguntarem se eu tenho saudade da minha infância eu digo que não.”

“Na sala de aula me sentia meio rejeitada. Notava a forma que a professora tratava as colegas mais claras, da forma que ela pedia as outras crianças, era diferente comigo.”

“Senti que o tratamento para comigo era pesado como se eu fosse uma empregada e não uma colaboradora. Uma vez eu estava gripada,

espirrei na sala de aula, ela me colocou pra fora da sala para não contaminar.”

“Em casa a mesma coisa pois via meu pai ter carinho com os outros irmãos ao qual era mais clarinhos. Às vezes por eu me sentir rejeitada achava que não era filha do meu pai.”

“Casei-me com um homem branco de olhos claros. O casamento foi por amor. Tive duas filhas, a mais velha era branquinha de olhos verdes. Na maternidade eu via a enfermeira trazer as crianças para serem amamentadas, mas a minha não vinha pois três vezes isso ocorreu quando eu reclamei porque minha filha não vinha. Pensei que havia acontecido algo pois o parto foi difícil até que resolveram me operar. A enfermeira foi ao berçário procurar saber quando voltou a enfermeira do berçário veio junto e perguntou meu nome, eu respondi. Então ela falou que olhava e via uma criança clara e pensava que não era minha filha. Brincando, ela me perguntou ‘o que você andou arrumando’. Nervosa eu respondi que havia deitado com o marido dela, sorriu e levou na brincadeira pois a mesma era loira branca.”
(Joremir de Assis Ferreira, Manuscritos inéditos.)

A partir da leitura desses fragmentos em que Joremir de Assis Ferreira revisita as suas memórias de dor que vão desde a infância até sua vida adulta, podemos entender que o ato de seu esposo de rasgar seus escritos se configura como um dispositivo de silenciamento. Este, por sua vez, se dá pelo apagamento da memória, do resgate-reescrita que Joremir elabora, concedendo sua reinterpretação de mulher negra consciente de todas as opressões que sofrera e disposta a narrar a partir do que podemos chamar de *políticas literárias de empoderamento*²⁰.

²⁰Acerca desta noção que elaboro para compreender algumas estratégias políticas de afirmação para as escritoras negras em seus projetos intelectuais-literários, ver capítulo 3.

2.3 Da formação de aquilombamentos literários: maneiras de re-unir para enfrentar

A partir do exercício de leitura que fiz anteriormente, é possível dizer, que o que venho designando como projeto intelectual-literário, é um conjunto de estratégias e dispositivos que esse grupo de autoria negra empenha para o exercício político de enfrentamento das tecnologias do racismo na contemporaneidade. O que venho propondo com a figuração das *contra-ações*, é compreender os empenhos feitos, não apenas nas escolhas temáticas das autoras, mas também prestar atenção onde se passam suas histórias, como contam suas histórias, pois todas estas observações auxiliam no processo de compreensão de seus gestos de contra-ação. Existem muitos outros gestos que aqui não trabalhei, assim como existem outros conceitos para nomeá-los, para além dos quatro que aqui utilizei.

O que é válido ressaltar é que os gestos aqui pensados como o de enfrentamento via a produção ficcional de Conceição Evaristo, a reescrita da História por Carolina Maria de Jesus, que também pensa o espaço da cidade, e a revisitação da memória para reescrever sua trajetória e denunciar as opressões feita por Joremir de Assis Ferreira nos permitem pensar na formação de aquilombamentos literários que estão desenhados a partir de uma experiência negra comum, que busca estratégias de cuidado, amparo e de luta.

A filósofa feminista brasileira Djamila Ribeiro, em entrevista recente²¹ acerca de seu livro *O que é lugar de fala?* (2018), que desencadeou um vasto debate sobre a questão do discurso e as relações de poder que ele elabora no âmbito das discussões sobre racismo, explica o conceito de “lugar de fala. Este conceito pode ser tomado como disparador para pensar o gesto aglutinador de vozes-mulheres da literatura e da escrita da vida cotidiana. Essas vozes-mulheres, quando colocadas em roda, como aqui faço, podem ser tidas como cúmplices de uma mesma intenção: que é descortinar as matrizes de dominação, desfazer as opressões, e falar dos seus modos. Na entrevista, a filósofa explica:

²¹A referida entrevista foi concedida ao site Jornal Nexa, em 25 de julho de 2018, estando disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=0k1mh7N8Caw>

“Estamos falando de lugar de fala como lugar social. Qual é o lugar social que determinado grupo ocupa dentro dessa matriz de dominação? O grupo negro, no geral, por mais que tenhamos, obviamente nossas diferenças enquanto indivíduos, a gente compartilha experiências como grupo, e isso que nos interessa: Nós falamos a partir de um lugar social é um lugar de vulnerabilidade, onde a gente não acessa determinados espaços e pelo fato da gente não acessar estes espaços, nossas vozes acabam não sendo ouvidas, porque elas não estão presentes naquele espaço. Então, é mais uma análise do lugar social que agente ocupa do que uma questão individual. Não é uma questão individual.” (RIBEIRO, 2019, online.)

Recupero essa entrevista, para pensar que a experiência negra partilhada pelas mulheres negras, podem ser material recaptalizado para produzir gestos de enfrentamento. A escrevivência de Conceição Evaristo, por exemplo, pode ser tida como uma forma de agir contra um conjunto de escritas que estão sendo empenhadas a partir dos lugares de opressão que subalternizam os sujeitos negros. Essa reunião de mulheres negras para o pensamento de estratégias literárias para com as contra-ações do cotidiano, penso em mais uma possibilidade de roda de costura. O material principal que costura essas escritas, na reescrita, antes de tudo, da vida e da História é a cor da pele, como afirma Fernanda Miranda:

“Dizer-se negro no texto literário permanece sendo um ato transgressor na contemporaneidade, porque a razão eurocêntrica segue sustentando invisibilidades através dos tempos, porque a negação do negro continua compondo as políticas governamentais e as micropolíticas cotidianas, e porque, o racismo permanece construindo fraturas subjetivas e pautando mortes físicas e mortes mentais.” (MIRANDA, 2019, p.20)

Se juntam então Joremir de Assis Ferreira, que abre a porta de sua casa para Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, e juntas traçam algumas rotas de

insurgência. Dizer que juntas e com o negror de suas peles é possível refazer as linhas da História, de suas histórias, das histórias de si que lhes contaram, é possível refazer as histórias que pensaram para os seus. É possível pela recostura da memória planejar futuros possíveis. A circulação de seus textos, por exemplo, é uma maneira de aquilombar muitas vozes-mulheres, muitos filhos desesperados que fogem de todo um projeto de destruição, que só ganha fôlego no atual momento do país. Por ora, essa roda de aquilombamento se fecha, para costura do possível.

Antes de partir, aviso que outra roda se abrirá, para pensar nas muitas possibilidades de nascimentos, graças aos aquilombamentos literários. Quanto a esse percurso, peço desculpas se em algum momento eu tenha me perdido de vocês por entre tantos becos de memórias e ideias se abriram diante de mim. Até a próxima roda!

3. Partos: visitando espaços de *múltiplos nascimentos*

*Outrora é tempo que passou.
 Renuncio às desculpas dos prantos
 E persigo a morte de todas as pedras
 Que escondem brilhos na ferrugem dura.
 Canso os braços e depois os faço fortes
 E vou buscar a beleza sob os cascos
 Das pedras.
 Apagar as marcas das tristeza
 E dos martírios, cortar os fios,
 Libertar os tempos.*

Jovina Souza, “Outro Tempo”.

Neste terceiro capítulo busco recuperar a ideia de *aquilombamento literário*, esboçada ao fim do capítulo anterior, pensando as possibilidades de circulação das escritas literárias de mulheres negras. Também é o foco deste capítulo pensar as *políticas literárias de empoderamento*, que são tidas como as múltiplas formas de fazer acontecer o empoderamento identitário de mulheres negras a partir da literatura. Estas políticas, por sua vez, são estratégias políticas contra um conjunto de opressões como racismo, sexismo, desigualdade social, por isso também as vejo como uma forma de contra-ação.

Nos capítulos anteriores busquei pensar as escritas literárias de autoras negras, sobretudo, a partir de Joremir de Assis Ferreira, mas em perspectiva com Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Entretanto, acredito que nesse capítulo se faz necessário pensar algumas formas de circulação destas escritas. A figuração que norteia esse capítulo é do acontecimento do parto, quando há o nascimento do filho gestado por meses, sendo assim, o que aqui se entende como filho nascido são as escritas literárias. A referência da ideia de “múltiplos nascimentos” tem a ver com os

modos distintos de circulação dessa literatura e sua relação com os diversos sujeitos leitores.

Eu havia iniciado a pesquisa de mestrado com a ideia de uma *literatura nas trompas*: formulada a partir de gestação nas trompas, como é comumente uma gravidez ectópica ou tubária, que ocorre em uma das trompas de falópio, sendo este um tubo que conduz os óvulos. Em alguns casos também pode ocorrer na cavidade abdominal, do ovário ou no colo do útero. Na sua dimensão biológica, uma gravidez deste tipo não pode prosseguir normalmente. Era assim que eu pensava as escritas literárias dessas mulheres.

Este tipo de gestação não pode chegar até o fim, e causa danos letais para as mulheres, que podem se tornar estéreis e podem até morrer. Reunindo, portanto, os episódios cotidianos de violência, anulação, silenciamento e mortes, embarquei inicialmente nesta perspectiva para compreender a escrita de mulheres negras. Porém, foi possível uma experiência que desarticulou esse meu raciocínio, muito embora eu ainda houvesse tentado o fazer permanecer. Essa experiência bagunçante foi possível graças ao projeto PROCAD Escritas Contemporâneas: Desafios Teórico-Crítico, que financiou uma viagem para uma Missão de Estudos em Salvador.

A experiência desta viagem muito me acrescentou, sobretudo o contato com o Grupo de Pesquisa Contemporâneos, coordenado pela Professora Luciana Moreno, que em uma dada reunião, me apresentou algumas perspectivas outras, assim como a Professora Ilmara Valois que me ofereceu a chave de que eu não havia pensado: de que estas literaturas negro-femininas haviam caminhos de nascimentos que eu não havia enxergado, mas que eles aconteciam de múltiplas maneiras, para as mulheres negras. Surge então, a perspectiva que norteia meu pensamento aqui: *múltiplos nascimentos*.

Na ocasião da missão de estudos do projeto PROCAD, ao ouvir minha hipótese inicial que compreendia a literatura de mulheres negras como uma gestação que não chegaria ao fim, e portanto, com a impossibilidade de nascimento, a pesquisadora Ilmara Valois me apontou tal perspectiva a partir de Stuart Hall acerca do advento das

discussões sobre diferença²². Segundo a perspectiva do autor, os espaços conquistados são regulados. Partindo da premissa de que as conquistas são difíceis, muitas vezes, lentas e exigem manobras para o jogo desigual, a pesquisadora propôs a ideia de que não há exatamente abortos ou não nascimentos, mas *múltiplos nascimentos* dessas literaturas.

Ainda, para Ilmara, se a obra ou a escritora nascem em ambientes privilegiados, suas existências e nomes geralmente são aclamados com mais facilidade e podem nascer definitivamente, podem estrelar uma vez e permanecer, podem respirar sem sustos depois do primeiro grito. Para autoras menos prestigiadas que estão fora da esfera “destinada” ao nobre ofício das letras e da escrita, um nascimento apenas pode ser insuficiente, há que se nascer muitas vezes, a cada dia; há que exercitar a teimosia de estar vivo, de estar presente, de se fazer notar, principalmente de se fazer ouvir.

A obra, escrita nessas circunstâncias difíceis precisa, depois de lançada ao mundo, ser relançada, talvez, muitas vezes, ser levada em baixo do braço, nas malas de viagens, quiçá, ser descoberta por uma generosa voz autorizada, para, assim, poder circular com o devido reconhecimento. É extremamente importante diante desse cenário dificultoso, que se abram novos canais de circulação dessas obras, diferentes dos já instituídos, do modo que promova um espaço editorial consolidado de literatura negra brasileira.

Pensei os sucessivos nascimentos como uma forma de marcar as sucessivas lutas, rejeições e insistências para fazer da obra o que ela já é por excelência: literatura. É claro que a ideia de nascimentos vários, carrega em si a ideia das muitas mortes que o objeto ou a pessoa precisa enfrentar, mas não são mortes definitivas, são aqui momentos de apagamento, silenciamento, opressão que, longe de aniquilar o sujeito ou a obra, fazem a sua reassunção, a retomada, a teimosia, a insistência em sobreviver em meio às impossibilidades.

A pesquisadora Mirian Santos, apontou para este aspecto em sua tese de Doutorado²³, quando reuniu Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cristiane Sobral, sob

²²A discussão é elaborada por Stuart Hall no texto “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”, do livro “Da diáspora: identidades e mediações culturais”, 2003, p. 317-330.

²³A tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) foi posteriormente publicada pela Editora Malê, sob o título: “Intelectuais negras: prosa negro-brasileira

esta lógica; assim como a pesquisadora Hildalia Fernandes tem chamado esse percurso epistemológico de “literatura abèbè” em sua atual pesquisa de doutorado²⁴. Gostaria de embarcar nesse ecoar de vozes para demonstrar, a partir da minha escolha com estas três vozes negro-femininas, que os nascimentos são múltiplos.

3.1 Uma roda se abre para pensar modos de nascer

Mais uma roda se abre, dessa vez para pensar a vida e os modos de nascer apesar do confronto com equipamentos que reatualizam espaços de morte, de silenciamento e apagamento de vidas. Muitas vezes a literatura escrita por mulheres negras é recebida, por nós leitores, em um espaço de subalternidade, ou seja, na chave de uma “história única”²⁵. Digo isso, pois durante muito tempo me mantive preso numa chave que não me deixava entender estas escritas de mulheres negras como espaços de nascimento. A alegria de um nascimento, encerrar uma espera, o desfrutar do embalar uma vida que chegara, a esperança no futuro de plenitude, que pode ser possível a partir da intervenção que esta vida nova pode fazer no mundo.

Certo dia estava pesquisando imagens em catálogos pela internet para montar uma apresentação de trabalho. Busquei por imagens de filhos recém-nascidos e de mães gestantes e me deparei com muitas imagens de maternidades brancas, enquanto que ao buscar mães chorando me deparei com mães negras que choravam, em imagens associadas a notícias de genocídio da juventude negra. Nesse sentido, me mantive durante muito tempo preso nesta perspectiva e não havia atentado, mesmo estando em

contemporânea”. A autora se propõe a discutir o papel da mulher negra enquanto intelectual engajada na luta pela transformação da sociedade brasileira, a partir de narrativas negro-femininas contemporâneas.

²⁴A doutoranda Hildalia Fernandes desenvolve sua tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA, onde desenvolve a noção de “literatura abèbè”, que segundo a própria autora, se dá de modo distinto da perspectiva traçada aqui: enquanto que eu caminho da escrita de minha avó-mãe para uma leitura de escritas literárias, em companhia de duas escritoras negras já publicada e amplamente difundidas, Hildalia Fernandes desenvolve a partir da literatura negro-feminina uma noção pensada, principalmente a partir da incitação/provocação, intimação que legitime e visibilize a literatura feita por mulheres negras pela diáspora na busca de rotas de fuga e esquivas do racismo e tentativas diversas de aniquilamento do psíquico.

²⁵A ideia já foi desenvolvida de modo crítico em uma apresentação no TED Talk, em 2009, pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, e publicada esse ano pela Companhia das Letras, com o título *O perigo de uma história única*.

diálogo com pesquisadoras e leitoras negras, que as literaturas produzidas por mulheres negras, funcionavam como modos de aquilombamento para leitoras negras.

Quando aciono a ideia de *aquilombamento literário*, parto da elaboração que a socióloga Beatriz Nascimento faz no ensaio “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra” (1985), entendendo o conceito de quilombo como um espaço de “prática política que apregoa ideias de emancipação” (p.124). Nesse sentido, a literatura de autoria negra, de modo geral, pode ser tida como uma ferramenta de emancipação que pode “corrigir distorções impostas pelos poderes dominantes” (p.124). Nesta ideia, portanto, está pressuposto um espaço de reunião de sujeitos negros, que compartilhando experiências de opressão, se juntam para a prática de autocuidado e organização coletiva de resistência para com as matrizes de dominação que vigoram para com seus corpos. Como pode a literatura funcionar como ferramenta de resistência?

Abro uma roda em que Joremir de Assis Ferreira recebe Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus para pensar a circulação de seus textos. Joremir sempre se refere aos seus manuscritos como parte integrante de um “legado”. Acredita que o registro de suas memórias, pelo revisitar de episódios, por conceder o seu ponto de vista sobre a sua história e a história da relação com seu neto-filho Raphael, é uma possibilidade de dizer uma história outra. A escrita de novas histórias de mulheres negras, rompe com uma ideia de que toda história de mulher negra é sempre falando de dor, de sexismo, de violência, de episódios de racismo. No caso de Joremir, há um tom denunciativo que se constrói a partir de um ponto de vista de quem venceu os episódios de dor.

É visível o tom de vencedora quando ela escreve, rememorando o episódio de racismo por parte da professora: “não tinha maldade de pensar pelo lado do racismo”. Quando argumenta dessa maneira, Joremir reencena uma menina negra que era oprimida e que hoje escreve enquanto uma mulher negra consciente de sua força. Entende que a opressão era alimentada pela postura opressora de seus pais, pois se ela, enquanto menina, reclamasse da atitude a professora, ouviria se ela fez é porque havia merecido. A escrita de Joremir de Assis Ferreira, nasce, portanto, como formas de revisitar a infância e episódios de dor e reescrevê-los sob uma outra perspectiva.

Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus circulam de modos distintos, suas literaturas nascem de outras formas e passam por circuitos distintos que a escrita de Joremir. Mas, busco com esta dissertação, demonstrar que escritas de mulheres negras, podem fazer uma costura dupla, e que a escrita biográfica de Joremir de Assis Ferreira, pode ser tida como fruto de um despertar de vozes negras dos últimos tempos. Esse despertar é fruto de uma reunião de forças de mulheres negras (assim como de homens negros e mulheres e homens brancos comprometidos na luta antirracista) que mobilizam a formação de espaços de reestabelecimento das vozes, de maneiras de reinvenção das identidades negras e a demarcação de suas pluralidades.

Conceição Evaristo é uma escritora negra que já figura em muitos espaços de visibilidade, seja acadêmico – como *corpus* de pesquisas, como pensadora que formula conceitos – ou espaços midiáticos como uma mulher negra escritora de relevância na cena literária contemporânea. Mas como apontou a própria, em passagem anterior nesta dissertação, esse movimento de visibilidade é recente e tardio em sua trajetória como intelectual e escritora. O mesmo se deu com Carolina Maria de Jesus, que em vida, desfrutou de um breve momento de visibilidade, principalmente por causa do lançamento de seu livro mais famoso *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960).

O movimento que se faz hoje, e eu considero importantíssimo na luta antirracista, que é o trazer à cena a biografia de pessoas negras de várias áreas do conhecimento e das artes, no intuito de dar a visibilidade que historicamente lhes foi negada, possibilita que nomes como o de Carolina Maria de Jesus possa voltar a figurar. Isso não quer dizer o nome da autora não tenha figurado na literatura, mas acredito que nunca lhes tenham conferido a importância para além de um espaço de exotismo temático de uma obra que conta o seu cotidiano favelado. Nesse sentido, a obra de Carolina Maria de Jesus, precisa ser compreendida cada vez mais para além do lugar da fome e da favela.

Quando compreendo as possibilidades de nascimento da literatura produzida por mulheres negras de *aquilombamento literário*, mais especificamente na reflexão acerca das três autoras que venho dialogando ao longo desta dissertação, gostaria também de pensar os espaços de circulação. Nesse caso, nesta roda que abro é importante refletir

sobre o papel que Conceição Evaristo desempenha no cenário atual de literatura de mulheres negras, assim como o nome de Carolina Maria de Jesus, uma pioneira e, portanto, é galardoada postumamente. Afetivamente, Joremir de Assis Ferreira atua como guardiã de uma história que é também minha, e por isso a circulação de sua memória por entre meu círculo familiar é uma forma de fazer circular um saber, uma história, uma memória coletiva.

3.2 Quilombos editoriais e políticas literárias de empoderamento

Entendo os espaços de publicação da literatura negra a partir do conceito de quilombo, para então pensar possibilidades de nascimentos de textos de literatura de mulheres negras. É como se ao planejar os nascimentos, estivéssemos perguntando onde, quando e como será realizado este parto. Sabemos que a maioria mulheres negras tem seus partos em hospitais públicos e são vítimas de violências obstétricas, como por exemplo, dos casos da aplicação de uma porção menor de anestesia²⁶.

Nesta perspectiva, tomo de empréstimo a perspectiva do pesquisador Luiz Henrique de Oliveira que em seu artigo *Quilombos editoriais: panorama e estratégias* (2018), que afirma:

“Me valho do quilombo como metáfora para compreensão das propostas de atuação das casas editoriais negras, ciente de que a episteme corrente no campo dos estudos sobre edição não consegue explicar a contento o objeto ao tratá-lo por meio da homogeneidade do conceito de editora, tal como os dicionários (ainda que específicos) o fazem. Por quilombos editoriais proponho entender um conjunto de iniciativas no campo editorial, comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico. Possuem caráter deliberadamente

²⁶Informação amplamente difundida em periódicos nacionais e internacionais. Para maior conhecimento, segue análise realizada no Portal Geledés de Mulher Negra disponível no link: <https://www.geledes.org.br/gravidas-pardas-e-negras-recebem-menos-anestesia-no-parto/>

independente. Seus autores são preferencialmente negros ou, em alguns casos, não negros comprometidos com o combate ao racismo em todas as suas formas. O catálogo é vasto e diverso, com ênfase em ciências humanas, cultura, artes e literatura. Possuem nítido projeto de intervenção político-intelectual a fim de criar debates e formar continuamente leitores sensíveis à diversidade em sentido amplo. Para além de casas de publicação, operam como territórios de ação e resistência ao bloqueio tácito no campo editorial brasileiro.” (OLIVEIRA 2018, p. 220, 221)

Olhando esta reflexão do pesquisador Luiz Henrique de Oliveira (2018), fico pensando os nascimentos de textos de mulheres negras. Penso primeiramente na desvalorização do texto que é o primeiro ato violador, lembro que o ato de escrever, muitas vezes é ridicularizado em famílias pobres e negras. A cena de minha avó escrevendo, é sempre sobreposta pela lembrança dos comentários que ouvia acerca dessa “mania de escrever homenagens”, sempre tida como algo menor, desnecessário. A escrita de minha avó nasce para mim desse espaço de afetividade, que a movia. É uma escrita que é antes de tudo um espaço de cura para ela.

Lembro também de um trecho em que a pensadora feminista bell hooks afirma que encontrou no esforço de teorização um lugar de cura. Para Joremir de Assis Ferreira, observo que a escrita funciona como potência de cura para com sua história, e, portanto, seu nascimento pode ser tido como linhas de fuga de histórias de vidas marcadas por opressões. Como bell hooks aponta, o lugar de produção de futuros possíveis:

“Vivendo na infância sem ter a sensação de um lar, encontrei refúgio na teorização, em entender o que estava acontecendo. Encontrei um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente. Essa experiência vivida de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora. Fundamentalmente, essa experiência me ensinou que a teoria poderia ser um lugar de cura”. (hooks, 2017, p.85)

A circulação de textos de mulheres negras, surge, portanto, como instrumentos de uma luta política de afirmação de identidade, como estratégias de despertar aqueles que estão nos “sonos injustos” da Casa Grande. Nesse sentido, a escrita de minha avó-mãe é também uma reescrita mobilizada por gestos empreendidos por escritoras como Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. A representatividade, neste caso é um disparador para a escrita. Quantas vezes ao acabar de ler recordamos histórias que vivemos parecidas com a que lemos e temos vontade de escrever? Ou quando não gostamos do final das histórias que lemos, quantas vezes não quisemos reescrever o final?

Entendo, portanto, o relato do cotidiano de mulheres comum como Joremir, que escreve longe dos espaços de circulação e de produção editorial, como, nascimentos possíveis graças ao empreendimento de escritoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Há uma ancestralidade literária que mobiliza afetos, subjetividades e identidades que se enxergam nas personagens, nos cotidianos inventados e que de alguma forma servem de mobilizador para o ato de escrever. Essa seria uma das formas do aquilombamento literário acontecer, pois rescrever é também uma maneira de ler.

Entretanto, assim como minha avó-mãe Joremir de Assis Ferreira tinha o exercício de escrita como algo inútil, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo partilham de dificuldades no âmbito da difusão de suas escritas. Entendo essas experiências partilhadas pelas escritoras como a atualização dos silenciamentos que historicamente buscou ofuscar, eliminar seus pontos de vista. Mas, apesar das dificuldades de publicação que enfrentaram Conceição Evaristo e também Carolina Maria de Jesus, seus nomes hoje figuram como elementos-força, como mobilizadores literários para espaços de leitura e reescrita de si.

É na busca por modos de reescrever suas histórias, de revisitação das memórias e por novos agenciamentos da subjetividade que surgem o que chamo de políticas literárias de empoderamento. A partir da noção de empoderamento, reelaborada pela pesquisadora Joice Berth, no livro *O que é empoderamento* (2018), que desenho uma noção de que existem maneiras políticas de articulação, que através da literatura, do

ato de ler determinados autores, que surgem modos de empoderamento de determinado grupo social.

Joice Berth, apoiada no pensamento de Paulo Freire, pontua que o educador e patrono da educação brasileira,

“acreditava que os próprios grupos que foram subalternizados, deveriam empoderar a si próprios, processo esse que se inicia com a consciência crítica da realidade aliada a uma prática transformadora. Sendo assim, refuta o paternalismo, o que chama de forma dócil de subjugação.” (BERTH, 2018, p.27)

No caminho proposto por Paulo Freire, a pesquisadora entende o ato de empoderar mais como um instrumento de emancipação política e social, que se dá a partir de “movimento de resposta interna ao estímulo externo do que o contrário”. Joice Berth, compreendendo a noção de poder a partir de uma dimensão coletiva, entende que empoderar seria antes de mais nada:

“pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate a banalização e esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social.” (BERTH, 2018, p.16)

Quando proponho a ideia de políticas literárias de empoderamento, é a partir da leitura feita por Joice Berth, em articulação com a reflexão da socióloga americana Patricia Hill Collins e também por bell hooks. Me apoio nas conceituações dessas intelectuais negras, refletindo sobre o modo como as autoras negras manobram, negociam, agenciam suas escritas com as políticas editoriais e o mercado. Os conceitos nos quais me apoio são autodefinição, autorrecuperação e autoavaliação, e reitero, que

serão pensados aqui como articuladores de minha análise sobre as políticas literárias de empoderamento.

Os conceitos de autodefinição e autoavaliação elaborados por Patricia Hill Collins, juntos podem ser pensados como modos estratégicos da relação política das mulheres negras escritoras com o cenário no qual estão inscritas. Ambos são conceitos que pertencem a uma discussão sobre a dinâmica de poder que fundamentam os processos de produção de significados em torno da definição dos *self* dos sujeitos. Tendo em vista a posição que as mulheres negras ocupam nas dinâmicas de poder da sociedade, estas têm a definição de seus *self* produzidas por outros. De acordo com Patricia Hill Collins:

“autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras.”
(COLLINS, 2016, p.102)

A produção de estereótipos em torno da identidade de mulheres negras, definindo-as a partir de imagens fixas é um processo de controle desse grupo social. Acredito que essa contenção e controle de suas identidades se dá de muitos modos, e um deles, pensando a literatura, é produzir e difundir imagens da literatura negro-feminina, por exemplo, como monotemática. Para romper com esses lastros, acredito que se faz fundamental a autodefinição como dinâmica estruturante de trabalhos literários e acadêmicos sobre a literatura negra e escrita por mulheres. Como?

Patricia Hill Collins, revisitando a discussão elaborada em trabalhos como o de Mae King e Cheryl Gilkes²⁷, argumenta que o processo de autodefinição não pode cair na lógica de substituição de estereótipos negativos produzidos por outros pela

²⁷Os trabalhos revisitados pela socióloga Patricia Hills Collins no artigo “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro” (2016), são: “The politics of sexual stereotypes” (1973) de Mae King e “From slavery to social welfare: racismo and the control of black women” (1981), de Cheryl Gilkes.

produção de estereótipos positivos por parte de mulheres negras. Acreditar nessa lógica é estabelecer os estereótipos como mecanismo de um controle velado. E é preciso desvelar os mecanismos de produção de estereótipos, que como também aponta a socióloga, são modos de punição à assertividade das mulheres negras, em resistência às opressões às quais são submetidas. São maneiras de silenciar, de desarticular e de tombar epistemes negro-femininas. Apesar de pensar o processo de autodefinição a partir de uma perspectiva afro-americana, como Collins demarca no seu texto, trago este processo para uma perspectiva brasileira, a partir da reflexão de Beatriz Nascimento, que diz:

“Numa sociedade como a nossa, onde a dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns mecanismos para selecionar as pessoas que irão preencher estes espaços. O critério racial constitui-se num desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação. O efeito continuado da discriminação feita pelo branco tem também como consequência a internalização pelo grupo negro dos lugares inferiores que lhes são atribuídos. Assim, os negros ocupam aqueles lugares na hierarquia social, desobrigando-se de penetrar os espaços que estão designados para os grupos de cor mais clara. Dialeticamente perpetuando o processo de domínio social e privilégio racial. A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão.”
(NASCIMENTO, 1976, online²⁸)

Trouxe essa reflexão sobre a dinâmica de poder que estruturam as relações no mercado de trabalho, no sentido de apontar para a compreensão dos processos de autodefinição, sobretudo dentro do projeto intelectual-literário de mulheres negras,

²⁸O texto em questão “A mulher negra no mercado de trabalho” foi publicado originalmente no jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976, e está disponível no site do Portal Geledés de Mulher Negra, através do link: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/>

pois acredito que esta é uma maneira de definir-se como escritora. Tendo em vista que as mulheres negras não são pensadas como ocupantes deste espaço, definir-se enquanto escritora, assim como fez Carolina Maria de Jesus, no momento em que seu livro, visto como fenômeno, mais delineou uma identidade de favelada que escreveu um diário (visto como material jornalístico, etnográfico ou sociológico) do que precisamente uma escritora. Por fim, a autodefinição, a meu ver, é uma articulação que se dá na elaboração de políticas literárias de empoderamento, e conforme Patricia Hill Collins escreve:

“Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos.” (COLLINS, 2016, p.104)

Um gesto de autodefinição que gostaria de evocar é o de Conceição Evaristo, quando da candidatura que fez para a cadeira de número 7 da Academia Brasileira de Letras. O que gostaria de demarcar nesse episódio, ao largo das polêmicas que ele desvela, é o posicionamento da escritora frente a toda uma campanha nas redes sociais, que apontava para a ausência feminina e negra na Academia. Como a própria Conceição Evaristo, declarou uma palestra no Salão Carioca do Livro, em 19 de maio: “Se eu entrar, não será porque escrevi um *Marimbondo* do Sarney, não [romance que levou o ex-presidente à ABL, em 1980]. Eu quero entrar porque é um lugar nosso, porque temos direito”.

O que a escritora diz com sua candidatura, no meu entendimento, é que uma mulher negra escritora, com uma formação intelectual como a sua, tem todos os requisitos para ocupar um espaço como o da ABL. Entretanto, como a própria traz à tona, o que importa nesta discussão é o fato de que as dinâmicas de poder que estruturam estes espaços, perpetuam matrizes de dominação, exclusão e silenciamento de negras e negros. Definir-se enquanto autora, intelectual, é uma política literária de empoderamento, tendo em vista que para além da circulação das obras de Conceição

Evaristo, circulam hoje bens simbólicos, imaginários afetivos e identidades políticas que partilham de sentimentos e experiências comuns as da autora.

Enquanto que a autodefinição está preocupada com as dinâmicas de poder no processo de definição das imagens do self de mulheres negras, a autoavaliação se preocupa com as imagens que são utilizadas no processo, o conteúdo dos estereótipos. Na sua argumentação do conceito, Patricia Hill Collins acrescenta:

“muito dos atributos existentes nos estereótipos relacionados a mulheres negras são, em verdade, versões distorcidas de aspectos do comportamento das mulheres negras, vistos como os mais ameaçadores ao patriarcado branco.” (2016, p.104)

O processo de criar seus critérios próprios de avaliação e assim recapitalizarem os estereótipos é um tanto complexo e exige uma análise mais detida, que não será possível de ser realizada aqui, tendo em vista que não é o foco da pesquisa que origina esta dissertação. O que eu gostaria de refletir neste momento é que a autoavaliação, uma preocupação do feminismo negro, possibilita que escritas como de Carolina Maria de Jesus, que com sua obra, contribui para o reposicionamento do estereótipo de favelada. Muito embora Carolina deixe evidente em seu texto o desgosto para com aquele espaço – e é importante fazer essa ressalva para que não se faça uma romantização desse lugar social da autora, o que é muito comum – atualmente seu nome e sua obra alimentam outras perspectivas e imaginários.

Esses processos de revisitação e reposicionamento da voz e da biografia, que fazemos postumamente com nomes da literatura ou até mesmo da cena política, como é o caso da vereadora Marielle Franco, demonstra que é possível que a autoavaliação aconteça pensada de modo coletivo. Ou seja, quando mulheres negras revisitam a identidade favelada de Carolina, ou a identidade favelada e lésbica, no caso de Marielle, elas estão estabelecendo novos critérios de definição identitária, a partir do exercício de autoavaliação, onde esse “auto” é um eu que se quer nós.

Esse eu que se quer nós tem a ver com o que se tem chamado de representatividade. Tendo em vista o compartilhamento de experiências de dominação, essas identidades se encontram numa encruzilhada, produzindo aí uma coletividade

política, que luta por questões comuns da negritude, assim como nas demandas de gênero, sexualidade e classe. Essa questão dentro do pensamento feminista negro, permite entender que o feminismo negro não é apenas o feminismo das mulheres negras, mas são as mulheres negras, pensando a sociedade como um todo, pensando políticas que atravessam todo o tipo de matriz de dominação.

Quando hoje avistamos que o código cultural “favelado” foi atualizado de modo a produzir um conjunto amplo de práticas artísticas, culturais, políticas e identitárias, podemos entendê-lo, sobretudo, como o estabelecimento de uma prática de autoavaliação. O que eu gostaria de dizer é que foi possível para Carolina Maria de Jesus se reavaliar, recapitalizar os códigos que controlava sua identidade e a subalternizava. Postumamente esse processo foi empenhado pelas suas leitoras e por mulheres negras que escreviam a partir do mesmo lugar social que ela escrevia.

Por fim, gostaria de acionar mais um conceito, que complementa esse arsenal de estratégias que cooperam no processo de empoderamento de identidades negro-femininas, mais especificamente, no cenário da literatura brasileira. O conceito em questão é o de autorrecuperação e foi elaborado pela feminista e escritora americana bell hooks. E ele será um instrumento de compreensão da estratégia articulada no processo de escrita literária de Joremir de Assis Ferreira. bell hooks, acerca do conceito, diz:

“Muitas mulheres que não haviam analisado a sua situação ao pormenor não chegaram a desenvolver uma compreensão sofisticada da sua realidade política e da sua relação para com as mulheres como grupo coletivo. Foram encorajadas a expressar as suas experiências pessoais. Tal como os revolucionários tentaram mudar o destino das pessoas colonizadas a nível global, também é necessário que as ativistas feministas salientem a importância que ver e descrever a sua própria realidade terá no longo processo de autorrecuperação; contudo, isto será apenas o início. Quando as mulheres interiorizaram a ideia de que a descrição das suas próprias angústias era sinónimo de desenvolvimento de uma consciência política crítica, o progresso do movimento feminista ficou estagnado. Partindo destas perspectivas

incompletas, não surpreende que fossem desenvolvidas, ao mesmo tempo, teorias e estratégias inadequadas e erradas. Com vista a corrigir esta desadequação em anteriores análises, temos de encorajar agora as mulheres a desenvolverem um conhecimento profundo e abrangente da sua realidade política. As perspectivas abrangentes só podem surgir quando examinarmos o pessoal que é político, a política da sociedade como um todo e a política revolucionária a nível mundial.” (hooks, 2019, p. 20)

A pensadora feminista, com a elaboração do conceito de autorrecuperação, nos permite analisar a estratégia de Joremir dentro do espaço da literatura, como um gesto que fundamenta e estrutura o desejo de mulheres comuns, do cotidiano, e portanto, que não estão com suas obras amplamente difundidas na cena pública, de escreverem todo o tipo de material literário. O desejo de se autorrecuperar, de reposicionar sua realidade subjetiva e política, permite que mulheres como Joremir de Assis Ferreira, façam de um simples gesto de registro manual de suas memórias, um gesto político-literário. Trata-se de um gesto em que uma mulher negra, rompe com a máscara que a silencia, e assume o lugar de narrador.

Com esse gesto de assumir o lugar de narrador, inicialmente contando sua própria história, acredito que seja possível que a prática de construção literária se intensifique em quem já iniciou o exercício de escrita. Não quero generalizar, mas no caso específico de Joremir de Assis Ferreira, observo que na prática de literatura oral, em papéis avulsos, observa-se um desejo de escrita, não diria ficcional, mas compreenderia como um modo de “escrivência”, onde metáforas, lembranças e inventividade configuram seu possível projeto intelectual-literário. No esteio do que bell hooks complementa sobre seu conceito, vale citar:

“A construção social do eu *em relação* significava, então, que conheceríamos as vozes do passado que falam em e para nós, que estaríamos em contato com o que Paule Marshall chama de nossas *propriedades ancestrais* – nossa história. Porém, são precisamente essas vozes que são silenciadas,

reprimidas, quando somos dominados. É essa voz coletiva que lutamos para recuperar. Dominação e colonização tentam destruir nossa capacidade de conhecer o eu, de saber quem somos. Nós nos opomos a essa violação, essa desumanização, quando buscamos autorrecuperação, quando trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para recuperar nossa história.” (hooks, 2019, p.76)

Com essa reflexão de bell hooks gostaria de fechar aqui uma reflexão, mas já abrindo uma nova janela. No trecho, a pensadora feminista, fala de dois aspectos que são centrais no pensamento do que essas políticas literárias de empoderamento de mulheres negras. Na recuperação ou revisitação da ancestralidade e também no sentido de identidade coletiva que esse grupo social carrega em si. Dessa forma, penso que ao erguer a voz para se reconstruir via literatura muitas outras vozes-mulheres começam a atender esse chamamento e juntas produzem modos distintos de uma outra importante prática de empoderamento. Essa, por sua vez, não está focada na escrita de literatura, mas em modos de ler esse conjunto de autoras, são esses diversos modos de leitura que chamo aqui de aquilombamento literário.

3.3 Aquilombamento literário

Todo indivíduo que gosta de ler se pega indicando um livro para um amigo. A paixão de querer estar cada vez mais dentro daquele espaço-tempo outro que se abre diante do cotidiano real de cada leitor é para mim um motor fundamental para uma maneira de contágio, que foi capitalizada por grupos sociais como o movimento negro. Estou falando das rodas de leitura, de eventos e clubes de leitura pensadas para/ou a partir um determinado corte identitário como é o caso do *Diálogo Insubmisso de Mulheres Negras* e o *Lendo Mulheres Negras*. Gostaria de tomá-los como objetos de pensamento para definir melhor o que chamo de aquilombamento literário, mas gostaria de ressaltar que falo de fora desse circuito, como observador de seus projetos, pois participei apenas de uma edição do *Diálogos*, na ocasião de um congresso.

No esteio do que aponte anteriormente, quando falava sobre a relação de leitoras negras com um perfil intelectual desenhado postumamente em torno de Carolina Maria de Jesus, acredito que o aquilombamento literário acontece a partir da compreensão de um espaço afetivo que reúne mulheres negras leitoras, que se enxergam no texto de alguma maneira. bell hooks quando reflete da produção de mulheres negras, afirma:

“Quando leio ficção contemporânea de mulheres negras, vejo muita similaridade na escolha dos assuntos, na localização geográfica, no uso da linguagem, na formação dos personagens e no estilo. Pode haver muitas razões para tais similaridades. Por um lado, há a realidade da posição social compartilhada por mulheres negras, moldada pelo impacto do machismo e do racismo em suas vidas, além de experiências culturais e étnicas compartilhadas.” (hooks, 2019, p. 294)

Nesse sentido, vou refletir brevemente, a partir do meu lugar de fala e principalmente de escuta e aprendizado, desse lugar que ocupa de estar no meio da roda, atento a tudo que minha avó-mãe partilha com Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. E nesse partilhar cotidianos, experiências de vida e uma dicção literária, que penso e duas outras plataformas de leitura que a meu ver, desempenham um papel que pode ser tido como um espaço de múltiplos nascimentos de literatura de mulheres negras.

3.4 Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras

O compartilhamento de experiências é o elemento que molda o desenho de espaços de aquilombamento literário. Nesse sentido, começo recuperando o desenho estabelecido pelo *Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras*. O projeto, iniciado em 2017, como atividade da Feira Literária de Paraty (FLIP), foi pensado como uma plataforma de fomento à discussão sobre as realidades sociais de mulheres negras.

Essa discussão, por sua vez, parte da leitura da obra de Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de mulheres negras* (2016). Nas palavras da idealizadora e responsável pelo projeto, Dayse Sacramento²⁹:

“Primeiramente, da necessidade de refletir sobre o cotidiano de mulheres negras que a autora nos apresenta através de suas personagens. Sobretudo em tempos de dados alarmantes de feminicídio, lesbofobia, intolerância religiosa, e outras formas de opressão. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* é uma obra que contempla narrativas da realidade de muitas de nós. Trazer este debate através do texto literário é um compromisso que assumimos no estudo, aliado a uma crítica que legitime e visibilize o combate à violência contra mulheres negras. Assim, o Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras é uma atividade que buscará legitimar e consagrar a produção da autora.” (Sacramento, 2017, online)

O projeto, que visa roda de diálogos a partir de literaturas de mulheres negras, faz parte da pesquisa de doutorado de Dayse Sacramento, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA. O projeto conta também com financiamento de pesquisa através da modalidade de bolsa de Iniciação Científica Jr. (PIBIC), tendo em vista que Dayse Sacramento é professora de literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Portanto, esse projeto é uma plataforma que abarca o acesso, fomento e produção de literatura negro-feminina. Reproduzo mais um fragmento da entrevista da sua idealizadora, para demarcar o fio de desejo que tece esse projeto:

“Espero que as pessoas acessem o texto literário e que reconheçam a produção intelectual de mulheres negras. Afinal, se nós não nos lermos, não disseminarmos nossas vozes pretas, quem o fará? Deste modo, vamos conversar sobre a obra, dialogar sobre pontos de

²⁹Entrevista de Dayse Sacramento concedida em 12 de julho de 2017 ao Portal SoteroPreta, disponível no link: <http://portalsoteropreta.com.br/entrevista-dayse-sacramento-e-os-dialogos-insubmissos-de-mulheres-negras/>

vista distintos, mediadas pela força-palavra de Conceição, que nos toca, inquieta e fortalece.”(Sacramento, 2017, online)

O projeto, ao se valer do texto literário de Conceição Evaristo como capital literário, cultural e identitário para a sustentação de um projeto e que o escopo é a produção de rodas de conversas, onde, como o próprio nome já demonstra, o diálogo entre mulheres negras é o objetivo, estabelece um modo de nascimento da literatura, mais um modo de fazer leitura. Essa leitura, por sua vez, não é através do livro necessariamente, é através da roda de diálogo, onde o texto literário está expandido pela oralidade inscrita nos encontros, pelo compartilhamento de experiências, afetos e de percepções da identidade negro-feminina. Essa é mais uma forma de fazer com que as literaturas de mulheres negras, saiam de um lugar de bloqueio, e que de fato possam escoar por diversos cantos.

Esse diálogo enquanto projeto, enquanto política de literatura é um modo que possibilita o fomento à leitura de textos literários de mulheres negras, também proporciona o surgimento de novas vozes-mulheres, que ao se identificarem, produzem suas maneiras de contar suas histórias, seja na rememoração em diários, seja pelos textos em páginas como o Facebook e Instagram. Acredito que quando um projeto como o *Diálogo Insubmissos de Mulheres Negras* surge e ganha visibilidade, de alguma forma, desperta nas leitoras negras, o desejo de escrita.

Esse desejo de escrita é aquele que habita cada leitor, quando se apaixona pelo universo da literatura, seja pelos modos de narrar, pela pluralidade de vozes que se pode inventar e de lugares a se percorrer, rompe com o espaço de leitor e começa então a inventar suas próprias narrativas. Todo leitor apaixonado em algum momento se torna um escritor. Nesse sentido, acredito que Joremir, minha avó-mãe, é uma dessas leitoras apaixonadas, que usa sua linha do tempo, suas memórias, para crocheter modos de ler o mundo, a realidade de mulheres negras, e também possibilita, pelo seu modo de escrita (pela seleção de episódios que faz), a observação das relações sociais. O projeto do *Diálogo Insubmissos de Mulheres Negras*, ao percorrer eventos literários, além da produção de suas próprias ações, instrumentaliza o desejo de escrita, pela leitura, pelo diálogo, pela costura dos espaços escritora-leitora.

Sobre essa costura, me recordo de Conceição Evaristo que diz que o surgimento do seu capital literário se deu a partir da grafia-desenho de sua mãe lavadeira, que grafava símbolos no chão:

“Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente juntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão.

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências.” (EVARISTO, 2007, p.16)

Aqueles símbolos eram um gesto de escrita, um desejo pelo sol, de quem lavava roupas e precisava que secassem. Essa escrita que desenha o desejo da vida, é a

matéria-prima de Conceição Evaristo, mas não somente dela. Joremir e Carolina também traçam suas escritas a partir da urgência dos seus corpos, e o movimento-grafia de suas escritas ganham instrumentais quando saem do papel impresso ou da tela de um dispositivo. Ao potencializar movimentos-grafias, pensamentos-vozes, risos-lembranças através de um modo específico de ler, que é através dos diálogos, Dayse Sacramento, com seu projeto concede estratégias políticas, que de algum modo, coopera para a atribuição de poder, seja ele simbólico, político ou identitário. Essas estratégias políticas, por sua vez, possibilitam nomear dores, reescrever histórias, possibilitam novas posicionalidades nas velhas histórias de ninar gente grande e contribui com ferramentas subjetivas para o processo de esculpir novos futuros possíveis.

3.5 Lendo Mulheres Negras

Um outro projeto que pode ser lido como espaço de nascimento é o *Lendo Mulheres Negras*. O projeto se configura como um círculo de leitura e foi criado em 2016 por Adrielle Regine, Evelyn Sacramento e Paula Gabriela, dedicado a apreciação e divulgação do trabalho de autoras negras de todo mundo. O questionamento que funciona como ponto de partida e também como chave principal do projeto é: Quantas autoras negras você já leu? A partir dessa pergunta, se propõem a fazer a ampla divulgação de produção intelectual e literárias de mulheres negras. Seria uma outra maneira de produção de diálogo, mas neste projeto a leitura do texto é fundamental. Na descrição do projeto³⁰, as idealizadoras explicitam seus desejos e questionamentos:

“Sentimos que, a cada encontro mensal, há necessidade de promover ainda mais ações que coloque em protagonismo as nossas autoras negras, locais, nacionais e internacionais. Falar delas, ler elas e principalmente comprar suas obras. Assim, temos todo o cuidado com a divulgação da vida e obra de cada uma ao longo do mês em nossas redes sociais, além de informações de onde comprar o livro, outras obras, curiosidade, enfim, dados que aproximem os leitores dessas

³⁰A descrição do projeto pode ser lida na página oficial no Facebook, disponível através do link https://www.facebook.com/pg/lendomulheresnegras/about/?ref=page_internal

autoras. Caminhamos na tentativa de visibilizar e propor que mais pessoas se aproximem desta literatura de mulheres negras.

Acreditamos que é importante e fundamental possibilitar a discussão e disseminação dessas autorias, entendendo o quanto é dificultoso a publicação e divulgação dessas obras. Sendo assim, o projeto Lendo Mulheres Negras tem como compromisso partilhar com jovens e adultos todas essas experiências, vivências e lutas através da literatura dessas mulheres. Quando indagamos ‘Quantas autoras negras você leu?’, buscamos provocar o quanto essas mulheres são excluídas e ignoradas dentro do mundo literário e, ainda mais, como tudo isso nos cega para as nossas próprias dores.

Ampliar toda essa ‘escrivência’ (como diria Conceição Evaristo) e poder multiplicar, não só a leitura dos livros, como também esse conhecimento e essas autoras, é nosso objetivo estreitando a relação da autoria com leitoras e leitores.”

O meu encontro com essa plataforma de leitura aconteceu através da página da rede social Instagram, quando buscava informações de livros e autoras negras, e o que observei é que a divulgação das obras dessas autoras tem um amplo engajamento, com 38 mil seguidores.³¹ Enquanto que o projeto idealizado por Dayse Sacramento é itinerante e tem permanência fixa apenas na Feira Literária de Paraty (Flip), o projeto Lendo Mulheres Negras tem encontro mensal em Salvador e para além desses encontros físicos, possuem resenhas dos livros estudados em um canal na plataforma Youtube.

Existem, portanto, dois modos de nascimentos, de circulação dessas produções. Nos encontros físicos, o estudo de livros escritos por mulheres negras, possibilitam uma sistematização de saberes e uma construção epistemológica inscrita especificamente na identidade negro-feminina. Enquanto que os vídeos produzidos sobre os livros que são estudados no grupo de leitura, fomentam a circulação desses saberes e de algumas das muitas perspectivas de leitura e análises desses textos. O que este grupo constrói como contribuição é uma forma de aquilombamento de saberes, em que o compartilhar não apenas experiências, mas percepções de um determinado texto, proporciona rotas de reescrita da vida, do cotidiano, de insurgência política e de afirmação identitária.

³¹ Esse número de seguidores foi verificado em 16 de dezembro de 2019 e pode ser modificado a qualquer momento, devido a dinâmica da rede social.

Esses dois projetos criados para aquilombar leitoras, possibilitam expandir perspectivas, construir novos caminhos de leitura e difusão de narrativas e imaginários de escritoras e escritores negros. O texto de mulheres negras, na verdade, os múltiplos textos e escritas de mulheres negras; não haviam nascido para mim até o encontro com leitoras e pesquisadoras mulheres, que me mostraram um novo caminho de percepção desse espaço de saber. Eu concluo este capítulo agradecendo às pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Contemporâneos, que entraram na minha roda e me ajudaram a juntar os fios e a costurar esse raciocínio.

Nessa roda, no entanto, que segue aberta a vários diálogos (insubmissos) tem espaço para várias outras vozes falarem, e principalmente escutarem, o principal é que não nos privemos de escutar e de dialogar. Carolina, Joremir e Conceição começaram a roda e eu seguirei as ouvindo, e convido a outras pessoas a se somarem à roda, para que novas percepções povoem os espaços como os de pesquisa acadêmica, de tecnologia social e de práticas cotidianas de fomento e de difusão de escritas intelectuais ensaísticas, biográficas e literárias de mulheres negras.

4. Fechando a roda

Eu me lembro que eu sempre resmunguei nas viagens diante do fato da volta ser mais rápida do que a ida, sempre achei muito chato quando todo mundo ia embora da festa. Toda festa poderia ser eterna, pelo menos para mim que cresci por entre os encontros dominicais de minha família na casa da bisavó Adelir. Me recordo que diante da chegada do fim das festividades em minha casa, ficavam as histórias engraçadas do evento. Gostaria de encerrar de modo alegre, satisfeito e feliz, mais um grande evento, mais uma grande viagem que embarquei.

Ao longo dessa pesquisa recebi convidadas e convidados aos quais muito admiro, alguns mais antigos e outros que conheci na caminhada de organização dessa roda de vozes-mulheres. A dissertação, conforme já deixei explicitado, é uma caminhada em busca de costurar as muitas histórias cruzadas que formavam o mosaico de minha biografia, mas também a biografia da pessoa mais importante da minha vida, que é Joremir de Assis Ferreira.

Ao longo deste trabalho de reflexão também busquei empreender um trabalho de curadoria e montagem, que, ao aproximar dos relatos íntimos da biografia de minha avó, às escritas de duas escritoras negras brasileiras, pudesse contribuir para a difusão e acolhimento de narrativas negro-femininas. Portanto, a perspectiva em que foi composto este grande painel de vozes e reflexões sobre a literatura negro-feminina parte do menino branco que está no colo de sua avó preta, mas também no centro da roda de conversa de velhas prosadoras e costureiras.

Nesse sentido, busquei conceitos, noções e ideias-chaves que dessem conta de uma discussão que tem ganho relevância nos últimos anos, sobretudo, depois da morte da vereadora Marielle Franco, que pode ser um marco referencial para o florescimento do desejo de fazer visíveis mulheres negras e suas narrativas, numa sociedade racista como a que temos.

Gostaria de encerrar, não apenas com a tônica de arremate de uma pesquisa de Mestrado, mas percorrendo brevemente os pontos fundamentais que possam contribuir para a continuidade da discussão acerca de literatura brasileira produzida por mulheres

negras, mas também que, de modo geral, possa estar inserida na luta e na discussão antirracista.

Nessa contribuição que apresentei, ressalto as noções que elaborei criticamente apoiado em referências de diversos campos do conhecimento. Entre as ideias, ressalto a *maternidade literária* e *ventre gerador*, que elaborei no intuito de estabelecer uma maneira de observar a literatura a partir da perspectiva da maternagem e suas nuances e pluralidade, sua matriz feminina, buscando, porém, escapar de romantizações e lugares comuns que o racismo epistêmico e as opressões de classe, raça e gênero empenharam nas reflexões intelectuais.

Na elaboração de *ventre gerador*, com a recuperação e significação do espaço biologicamente determinado como feminino, que é o útero, evidenciei algumas potências por entre as nuances deste conjunto de vozes literárias, empenhado em apontar novas possibilidades interpretativas a partir desse espaço.

Com a ideia de contra-ações, busquei um modo de compreender a escrita literária de mulheres negras, estabelecendo a figuração do corpo feminino preñado de inventividade e riqueza epistêmica em uma disputa corporal com um conjunto de movimentos que querem a expulsão de sua prenhez. Nesse sentido, a noção de contra-ação demonstra um certo gesto interno onde as escritoras agem contra um determinado estado das coisas para impor suas narrativas.

Por fim, acredito que para além dessas noções que contribuem para a discussão e crítica de literatura negro-feminina, com a ideia de “múltiplos nascimentos”, encontro o fôlego para um dos mais importantes gritos que gostaria de dar com essa pesquisa, que é de propor a emergência e reconhecimento de vozes.

Através da discussão dos múltiplos nascimentos, o que fica estabelecido é que não nos importa se a obra ou a escritora nascem em ambientes privilegiados, suas existências e nomes geralmente são aclamados com mais facilidade e podem nascer definitivamente, podem estrear uma vez e permanecer, podem respirar sem sustos depois do primeiro grito.

Para autoras menos prestigiadas que estão fora da esfera “destinada” ao nobre ofício das letras e da escrita, um nascimento apenas pode ser insuficiente, mas o que se

pode ver nas três autoras de nossa roda é que há que nascer muitas vezes, a cada dia; há que exercitar a teimosia de estar vivo, de estar presente, de se fazer notar, principalmente de se fazer ouvir.

Nesse sentido, o que posso concluir nesse conjunto de reflexões é que a instância do feminino é capaz de gerar dispositivos e ferramentas que transbordam estâncias, rompem fronteiras, abrem caminhos e ainda produzem seus próprios aparatos teórico-críticos para compreender a gigantesca e potente literatura negro-feminina. Depois de entender, demonstrar e agora reiterar isso, agora sim, posso fechar essa roda!

Referências Bibliográficas

Referências das obras estudadas:

urto de despejo. 3. ed., São Paulo: Ediouro, 1976.

_____. Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos, 2019.

Referências gerais:

AMANDA, Caroline. Entrevista concedida em 27 de novembro de 2018 e intitulada “A liberdade, os ventres e as mulheres- o trabalho da terapeuta Caroline Amanda”. Disponível no link:

https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda_a_23601601/

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos Plurais).

BÁEZ, Fernando. A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010

BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (coord.). Negras (In) Confidências – Bullying, não. Isto é Racismo: Mulheres Negras contribuindo com as reflexões sobre a Lei 10639/03. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

BRITO, Benilda. O RACISMO é PERIGOSO na EDUCAÇÃO das CRIANÇAS. Entrevista concedida ao Canal Preto em 01 de Outubro de 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KZGNu4NcWLS>

BRITO, Maria Conceição Evaristo de.; COCO, Pina Maria Arnoldi. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. 1996. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 1996.

CARRASCOSA, Denise. Pós-colonialidade, pós-escravismo, bioficção e con(tra)temporaneidade. In: Estudos de Literatura Contemporânea, n. 44, p.105-124, jul/dez de 2014.

_____. Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017.

_____. Crítica performativa Nem se incomode... É só brincadeira de ères. In: Fólio – Revista de Letras, v. 10, n. 2, 2018, jul./dez. 2018. p. 73-86.

CARNEIRO, Sueli. Entrevista intitulada “Sobrevivente, testemunha e porta-voz” concedida a Bianca Santana em 9 de maio de 2017 para a Edição 223 da Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sueli-carneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz>

_____. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Consciência em debate)

_____. FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COOLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1. Janeiro/Abril 2016. p. 99-127.

_____. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MADONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (ORGs.) Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades). p. 139-170.

CUNHA, Eneida Leal. Entrevista intitulada “Equação racial brasileira”, concedida ao projeto PPGEL da TV UNEB, Salvador-BA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G7MlrRd3hq>

CUTI (Luiz Silva). Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Constância Lima. “Memoricídio: o apagamento da história das mulheres na literatura e na imprensa”. Disponível em:

<https://www.sympla.com.br/seminario-leituras--acoes-feministas-constancia-lima-duarte> 5961

55

EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima em 26 de maio de 2017, intitulada: “Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”, disponível em:

<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>

_____. Entrevista concedida à Revista Trip, intitulada: “Conceição Evaristo transforma sua trajetória em referência e impulso para toda uma geração de jovens escritores negros que, como ela, buscam transformar a sociedade”, em 23 de outubro de 2019. Disponível em:

<https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/conceicao-evaristo-transforma-sua-trajetoriae-m-referencia-para-toda-uma-geracao-de-jovens-negros>

_____. Insubmissas lágrimas de Mulheres. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos?: Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. In: Ciência e Cultura, v.59, .2, pp. 36-41, 2007.

FOUCAULT, Michel. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREITAS, José Henrique. O arco e a arkhé: ensaios de literatura e cultura. Salvador: Ogun's Toques Negros, 2016.

_____. Yorubantu: por uma Epistemologia Negra no Campo dos Estudos Literários no Brasil. In: Fólio – Revista de Letras, v. 10, n. 2, 2018, jul./dez. 2018. p. 161- 172.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, In: ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

_____. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. In: Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

_____. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

_____. “Nanny”. In: Humanidades, Brasília, v. 17, ano IV, p. 23-25, 1988c.

_____. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. In: Raça e Classe, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988d.

_____. Mulher negra. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 29-47.

HALL, Stuart. Que ‘negro’ é esse na cultura negra? In.: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HALL, Stuart. “O espetáculo do outro”. In.: Cultura e Representação. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

_____. Raça, o significante flutuante. Tradução de Liv Sovik e colaboração de Katia Santos. Revista Z cultural (UFRJ), v. no. 3, p. ano 7/3, 2017.

hooks, bell. Vivendo de Amor. In: WERNECK, J. O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p. 188 a 198.

_____. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Catia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

_____. E eu não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo. Trad. Bhuvli Libânio. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

_____. Intelectuais Negras. Trad. Marcos Santarrita. In: Estudos feministas, ano 3, n.2, p.464-478, 1995.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, políticas da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

_____. Crítica da razão negra. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter. Histórias globais/projetos locais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. “Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica”. In: Boaventura de Sousa Santos (org.). Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências. Revista do Porto: Edições Afrontamento.

MIRANDA, Fernanda. Porque a roda é o avesso da torre: Das potências reveladas pela leitura em conjunto de romancistas negras. Suplemento Pernambuco. n.160, jun., 2019, p.12-17.

Disponível em: https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_160_web.pdf

NATÁLIA, Livia. Água negra. Salvador: EPP, 2011.

_____. Correntezas e outros estudos marinhos. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

_____. Água negra e outras águas. Salvador: EPP, 2016.

_____. Dia bonito pra chover. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. Sobejos do mar. Salvador: EPP; Caramurê Publicações, 2017.

_____. Literatura Negra Uterina, vídeo de 28 de maio de 2015. Disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=Ksj1UYfzCE>

_____. Entrevista concedida a Jorge Augusto em 20 de maio de 2016 no projeto #selfiepoesia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7gIge41pwg>

OLIVEIRA, Eduardo David. Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad Del poder, eurocentrismo y América Latina. In: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Edgardo Lander (comp.) Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: Buenos Aires, 2000.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos Plurais).

_____. Quem tem medo do feminismo negro?. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Edusp, 2004

_____. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão emoção. São Paulo. HUCITEC, 2002.

SANTOS, Mirian Cristina dos. Intelectuais Negras: Prosa Negro-Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUZA, Adriana Soares de. Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Literatura: UFSC, 2011.

SOUZA, Florentina. Autorrepresentação e intervenção cultural em textualidades afrobrasileiras. In: Revista da ABPN, v. 1, n. 2 – jul.-out. de 2010, p. 183-194.

SOUZA, Jessé de. A elite do atraso: Da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Livia Maria Natália de. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. REVISTA CRIOLA (USP), v. 21, p. 25-43, 2018.

_____. Intelectuais Negras e racismo institucional: um corpo fora de lugar. Revista ABPN, v. 10, p. 748-764, 2018.

_____. Poéticas da Diferença: A representação de si na Lírica Afro-feminina. In: A Cor das Letras (UEFS), v. 12, p. 105, 2011.

SOUZA, L. M. N.. A lírica menor: por uma Teoria da Literatura das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. In: CRÍTICA CULTURAL, v. 5, p. 219-231, 2010.

_____. Carolina Maria de Jesus escritora e sua dicção estética. In: CARDOSO, SEBASTIÃO MARQUES; SILVA, ELEN KARLA SOUSA DA; CARVALHO MARIA EDNEIDE FERREIRA DE. (Org.). Na casa da ficção: textos sobre cultura e literatura africana e afro-brasileira. 1 ed. Curitiba: EDITORA CRV, 2018, v. 1, p. 245-258.

_____. Literatura Adoxada: as formas de escrita poética da negritude na cosmogonia afro-brasileira. In: Fólio – Revista de Letras, v. 10, n. 2, 2018, jul./dez. 2018. p. 193-204.

Anexos:

Manuscritos de Joremir de Assis Ferreira

O que se poderá ler nesta dissertação é fruto de uma pesquisa de Mestrado, mas é, antes, uma busca de histórias sobre si, acerca das muitas versões de uma história pessoal e familiar, que ainda está por ser descoberta. Cresci em uma casa cercado por mulheres que me contavam suas histórias de vida e, de certa forma, em todas eu figurava como personagem. A vontade de entender as versões dessas histórias ganhou fôlego especial com a chegada dos manuscritos de minha avó de criação, Joremir de Assis Ferreira. A elaboração destes manuscritos se deram entre os anos de 2017 e 2018.

SECRETARIA DE IDENTIDADE
ESTADO DA GUANABARA
INSTITUTO FELIX PADREO

2 444 527

NACIONALIDADE BRASILEIRA

Nome: Joremir de Assis Ferreira

Idelorme de Assis Ferreira
Adelir Silva Ferreira
Guanabara

17/9/1950
20/8/1969

NO DE JANEIRO DE DATA DE EMISSÃO

José Luiz Barbosa

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Joremir de Assis Ferreira

P. 24 DP



SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Nasá de uma família de dez filhos.

Minha avó materna era negra. Minha mãe casou-se com meu pai que era branco de olhos castanhos claros. Meus irmãos tinham^o pele uns pardo outros brancos. Cresci naquela casa sem amor. Não me lem- bro de minha mãe ser carinhosa comigo. Dependente por ter muitos filhos e não dar tempo pois a diferença de um irmão pro outro é menos de dois anos. e eu sou a mais velha

segunda pois o mais velho era homem (Com o faleci- mento dele fiquei sendo a mais velha. Aos sete anos fui matricu- lada na escola e foi nesse pe- ríodo que minha mãe veio a desco- brir que eu não enxergava direito ~~Por isso a mãe pediu~~

Pois na sala de aula a professora notou que eu levantara muito para ir na frente ver o que estava escrito. Passei a usar óculos com grau. ~~de~~ ~~de~~. Na sala de aula me sentia meio rejeitada pois achava que era o ~~oposto~~ ^{óculos fundo} de garrafa; muitos me chamavam de 4 olho. Notava a forma que a professora tratava as colegas mais clara ~~com~~ pedindo para apagar o quadro, ir a secretaria resolver algumas coisas pra ela. Enfim assim foi até um dia que eu querendo ser agradável, era dia de folga da minha turma e eu fui a escola assim mesmo para ficar na sala dela.

Ela me perguntou o que eu estava fazendo ali, eu disse que queria ajuda-la, foi aí que eu percebi que da forma que ela pedia as outras crianças era diferente comigo.

Senti que o tratamento para ⁽³⁾ comigo era pesado como se eu fosse uma empregada e não uma colaboradora;

minhas notas eram médias quando tirei nota baixa ela me colocou no último lugar da sala; Para me entender eu esperava alguém falar para entrar no embalo e prestar melhor atenção. Caso contrário brigava porque eu não estava prestando atenção. Às vezes estava prestando atenção às vezes não pois eu não era tão santa na sala de aula.

Uma vez estava gripada, espirrei na sala de aula ela me colocou pra fora da sala pra não contaminar a sala pois a diretora passando no corredor viu e chamou atenção dela.

Que não havia necessidade daquilo.

Minha sorte é que de ano em ano se trocava de professora, porém uma não era diferente da outra.

4

Maria diferença entre os alunos no modo de tratá-los.

Certa vez pedi uma delas pra poder ^{ir ao banheiro} ~~ir ao banheiro~~ ^{para} ~~ir ao banheiro~~ ^{para} usar. Ela ~~nao~~ ^{nao} deixou. A vontade era tão grande que ~~nao~~ ^{nao} aqueci e fiz na sala de aula. Ela foi a primeira a me fazer me sentir constrangida.

Na época ~~nao~~ ^{nao} tinha maldade de pensar pro lado do racismo pois tinham outras crianças da cor que era tratada da mesma forma. Só que ela ~~nao~~ ^{nao} pegava tanto no pé pois as mães das outras eram barbaqueiras e se os filhos chegasse a reclamar ~~em casa~~ ^{em casa} elas chegavam na escola e armavam baraco.

Eu chegava em casa e falasse algumas coisa, me colocava de castigo e dizia que se ela fez e porque eu mereci. ~~Na~~ ^{Na} ia ver qual era o certo e errado.

(5)

Cresci, terminei o primário ^{naquela} ~~o~~ tempo tinha que fazer admisión (5.º ano) para ir para o ginásio pois o colégio Estadual era complicado arrumar vaga. Mesmo assim minha mãe me matriculou num colégio barato. Não consegui fazer até o 2.º ano pois tive que sair pois meu pai não pagava a mensalidade e eu tinha vergonha de ser cobrada na frente dos colegas e fui trabalhar para ajudar em casa.

~~Com uma vida difícil e meu pai não era muito responsável dentro de casa. Minha mãe trabalhava em casa na máquina de costura e ali eu ajudava ela nos afazeres de casa, cuidava dos meus irmãos, levava ao médico, na escola, ia às reuniões do colégio.~~

Maria de Lourdes chegou ao Rio Janeiro já adolescente para morar com sua irmã Fatima que sendo minha vizinha criou uma amizade ~~com~~ ~~com~~ minhas filhas.

Eu era divorciada e trabalhava como costureira para sustentar minhas duas filhas Eliana e Elaine. Por determinado tempo Lourdes morou com sua irmã que na qual não deu certo e veio morar comigo por bastante tempo de na qual saiu casada. Casou-se com Edmilson e baro depois nasceu Nathalia. Logo após 4 anos veio Raphael.

Raphael nasceu miudinho com problemas na estrutura óssea. Raphael ficava sempre comigo quando sua mãe tinha que sair ~~com~~ para resolver algum problema na rua.

Sua mãe teve o 3º filho Mathew que nasceu de Cesariana e teve que ficar comigo para se restabelecer da cirurgia.

Quando Lourdes foi pra sua casa levou Raphael e nos finais de semana eu pegava Raphael para ficar comigo.

Até que teve um tempo que Raphael ia pra sua casa e chorava dizendo que queria voltar por a minha casa era sua casa. A sua mãe falava que sua casa era junto dela.

Ele não aceitava. Começava a fazer birra, a puxar as perninhas do irmãozinho pela grade do berço. Sua mãe só vivia brigando com ele.

Até que chegou um final de semana peguei Raphael e ele não voltou mais pra casa dele ficou comigo.

Quando começou a minha responsabilidade com Raphael levando-a ao médico, matriculando na creche e ele era motivo de chamar atenções de todos pois era muito esperto e carinhoso.

Ao passar no caixa, a mesma falou: sua patroa é irresponsável em deixar a filha dela vir com ~~ela~~ a babá para o mercado. Me deu uma coisa por dentro que respondi: com ira: Não sou babá dela, ela é minha filha. As pessoas da filha me pediam calma enquanto a caixa se desculpara.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1814037/CA

Eu notava também que quando eu ia nas reuniões da escola minha filha não ficava alegre que nem as outras crianças quando via os seus pais. Eu nunca perguntei a ela pois deveria ser coisa da minha cabeça.

Ela foi crescendo e via a reação de seus colegas quando ela me apresentava a eles.

Fulano essa é a minha mãe
 Fulano essa é a minha mãe "Juamãe"

11
caminho notei que ela estava toda empipocada e vermelha, me desesperei no momento e a levei direto ao pediatra. Quando lá cheguei a enfermeira olhando o estado da menina perguntou "Cade a mãe dessa criança?". Eu respondi que a mãe era eu, a enfermeira pediu desculpa meio sem graça me atendeu. O médico diagnosticou que aquilo era uma alergia e uma botinha que eu havia colocado no pezinho dela e esse calçado levava flu-fu em volta do calo da botinha. Passou uma medicação, tirou o calçado dela e ela voltou ao normal. Graças a Deus

~~Da mais velhinha~~
meses Depois ~~foi~~ com minha filha ao mercado e a levei no carrinho comprei mais do que devia com... ou fiz, coloquei a mercadoria

tadas e a minha não vinha ^{to}
pois tres vezes isso ocorreu quando
eu ~~foi~~ reclamei porque minha
filha não vinha. Pensava que havia
acontecido algo pois o parto foi difícil
até que resolveram me operar.

A enfermeira foi ao berçário
para procurar saber. Quando voltou
a enfermeira do berçário veio
junto e perguntou meu nome
e respondi. Então ela falou que
havia via a criança clara pensa-
va que não era minha filha.

Brincando ela me falou "o que
você andou arrumando". Nervosa
respondi que havia ditado com
maio de dela". Ela sorriu e levou
na brincadeira pois a mesma
era ~~branca~~ loira.

Cuidei bem da minha filha,
como mãe amorosa e responsável.

Certa vez arrumei minha filha
para ir ao hospital. Quando no

me afastei fiquei destacada
e procurei ajudar a professora
em apagar o quadro, levar
trabalhos na secretaria por em a
prof. não quis minha ajuda
Porém eu via ~~outras colegas~~ ela
pedir favor a outras colegas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1814037/CA

Em casa via ~~a~~ ^{sentia a} mesma
coisa pois via meu pai ter
carinho pelos meus irmãos que
eram mais clarinhos. As vezes
passava pela minha cabeça que
eu por ser rejeitada não era filha
~~dele~~ do meu pai.

Casou-me com um homem
~~claro~~ branco de olhos claros. O
casamento foi por amor, tive 2
filhas, a mais velha era bran
quinha de olhos ~~de~~ verde. Na
ternidade eu via a enfermeir
para ser arr

No início da minha ida ⁸
para a escola me sentia um
~~pois~~ menosprezada pelas coleguinhas
pois quando se juntavam na
hora do recreio para brincar
nas me incluíam e se eu me
aproximasse diziam que não
todia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1814037/CA

~~Se~~ Eu sentia o olhar de por
os amigos. Na sala de aula
não havia diálogo. Quando
eu dizia que gostava delas e
queria o carinho e o amor
delas. Pois fazia isso por esc
a professora uma vez pegou
me perguntou se eu gostava
mulher, como se o amor fosse
entre homem e mulher (foi o que
me deu a entender naquele te
pois maldade não havia na ca
criança de 10 anos.

7) com o pai grosso, ignorante
eu apertava muito.

ao dormir eu pulava a
janela do quarto e ia para
o baile com minhas amigas
quando chegava apanhava
mais eu já tinha ido e não
ligava. Isso quando eles
pegavam que foram poucas
vezes. Meu pai era funcionário
do estado e trabalhava 12x48
e tinha um caminhão onde
fazia frete durante o dia com
material de construção.

Ao morrer ele deixou a apor-
sentadoria pra minha mãe
e pagou autonomia dela
onde ela se aposentou.

~~sem~~

Minha avó materna era
muito íntima comigo conversá-
vamos muito. Quando eu
quisava ser chamada atenção
era sempre comigo só no
aloo. Enquanto minha
eu não dialogava comigo
me um tempo em que
o pai saía 4.00hs da manhã
a pegar areia no Rio quando
ele tinha conseguido compra
o caminhão e chegava as
10hs. Se pegasse eu e meus
irmãos dormindo todos
amharam, pois não era
da diuquien estar dor-
mindo. Quando meu pai não
tava em casa era um
rio. Quando ele chegava
eu ~~era~~ brigava constante a
tanto de eu querer morrer
cheguei a ingerir um copo de
a sanitária pois queria
morrer. Não fui santa mesmo

Sempre pedindo a morte pois não
aguentava tantos sofrimentos,
Meu pai melhorou de emprego
pensei que ficaria melhor. Foi
onde pisou tudo a ponto de
levar ~~as~~ suas amantes pra
seu amiga da minha mãe
e com ajuda da minha avó
paterna pois a mesma esta
lá sempre lá em casa.

Meu pai acreditava minha
mãe e ela ficava calada
até o dia que meu irmão
mais velho correu para avisar
minha avó materna e ela che-
gou lá em casa e quis dar no
pai e ele ficou piadinho pois
eu sentia que com a minha
avó materna ele não se criava

Depois que ela descobriu o
que minha mãe passava ela
~~ela~~ passou a ir menos nos
visitar

(4)
Na curiosidade ~~de~~ pegaramos
um para ver de onde saía
aquela luzinha dele. Então
o menino que brincava conosco
pegou o gilo e passou no
~~meu~~ vestido e ficou aquele
brilho na altura do meu
peito. Toda contente corri para
mostrar minha mãe como
brilhava pois nessa época
estava nascendo, duto e
estava bem em cima do
meu sio. Apanhei nesse dia
tanto sem saber porque apa-
nhava, mais tarde fiquei
sabendo que não era para
mim dar esse tipo de confiança
a ninguém. Depois que fiquei
moça foi que minha avó ma-
terna começou a me explicar
muita coisa. Eu era uma
criança que chorava muito

meus pais.
Quando fiquei moço chorei
muito pois minha mãe sempre
falava que se eu aparecesse
sonhando em casa ela me
daria uma surra como eu
nunca havia ganhado. Minha
mãe não tinha diálogo comigo
eu ouvia sempre meu pai
falar com ela que ela tinha
que parar de passar a mão
na cabeça dos meninos e
sentar e conversar com as
filhas dela. Não me lembro
de ter tido carinho de meus
pais. Se me perguntarem se
eu tenho saudade da minha
infância, eu digo que não.

~~Uma~~ Certa vez eu brincando
na rua, pois eu morava
numa vila e tinha alguns
terrenos vazios com mato
tipo capim navalha e ~~uma~~
muitos quilos. tinha

para brincar. Pela minha mãe
às vezes ela liberava porém
meu pai era muito bruto, egoísta
Estudei fiz o primário
minha vida era só escola
casa, e visita a minha avó
materna nos finais de semana.
Cresci às vezes apertando,
apanhava, não só eu
mas meus irmãos também
ajudava minha mãe a
levar meus irmãos menores
ao médico. Sempre fui curioso
em querer aprender, eu via
as pessoas fazer croche,
tricot, com a curiosidade
aprendi a fazer trabalhos
artesaniais onde meu pai não
nada até hoje.

Eu não gostava do meu
irmão mais velho pois o
mesmo na madrugada
assediava ~~me~~ ~~me~~ ~~me~~
~~me~~ sempre até o dia
que eu ameacei falar ao

①

Nasci numa (comunidade) favela do Esqueleto que nos anos 50 era a faculdade UERJ sou de uma família descendente de Índio com Italiano, meus irmãos são uns brancos morenos - pardos todos misturados.

Fui uma criança muito triste volta e meia estava meu pai comigo na emergência do hospital. A ultima enfermidade que eu tive eu tinha 11 anos. foi quando tive a febre de 40 dias e 40 noites e febre tifóide: Estudei e primário tive que sair para trabalhar pois era uma vida privada e minha família precisa de ajuda pois até então minhas tias maternas supria as vezes a nossa necessidade. Fui uma criança que estava sempre a chorar pois levava uma vida privada sem liberdade de ter outras amizades

